

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

POLLYANNA DE MOURA FÉLIX

Uma Análise Elementar do Turismo Religioso na Paraíba

João Pessoa

2018

POLLYANNA DE MOURA FÉLIX

Uma Análise Elementar do Turismo Religioso na Paraíba

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rodrigues Cavalcanti

João Pessoa

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F316aa Félix, Pollyanna de Moura.

Uma análise elementar do turismo religioso na
Paraíba / Pollyanna de Moura Félix. - João Pessoa,
2018.

66 f.

Orientação: Ana Paula Rodrigues Cavalcanti.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Turismo religioso. 2. Peregrantes. 3. Caminhos da
fé. I. Cavalcanti, Ana Paula Rodrigues. II. Título.

UFPB/CE

CDU 2(043.2)

POLLYANNA DE MOURA FÉLIX

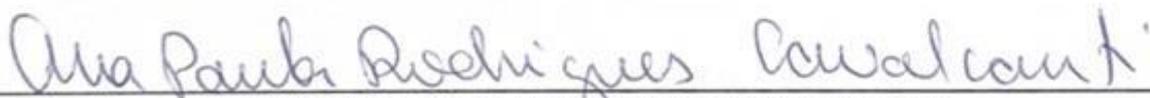
TEMA: Uma Análise Elementar do Turismo Religioso na Paraíba

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rodrigues Cavalcanti

Banca Examinadora:

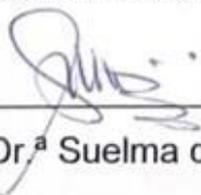
Data da Aprovação: 15 / 06 / 2018



Prof.^a Dr.^a Ana Paula Rodrigues Cavalcanti



Prof. Dr. Carlos André Macedo Cavalcanti



Prof.^a Dr.^a Suelma de Souza Moraes

Dedico esta obra a minha Mãe e minha Vó que sempre me apoiaram nessa jornada, com muito amor, aos meus professores fonte de sabedoria, aos meus amigos inspiração e apoio na academia para que eu não desistisse dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha mãe, mulher maravilhosa, guerreira (por tudo que passou, e todas nossas batalhas superadas) e exemplo para quem vos escrevo, também sou grata a minha avó por ter me ajudado e apoiado milhares de vezes. Aos demais entes de minha família, obrigada pelo apoio.

Aos meus queridos amigos que sempre me apoiaram e me deram força, quando eu quis ir embora, desistir e dar adeus, vocês estavam lá meus amores, aos que permanecem e aos que passaram pela minha vida e deixaram sua contribuição para o engrandecimento dessa pessoa que vos escreve.

Aos professores do curso, que foram fonte de sabedoria para a conclusão desse trabalho. E a minha orientadora, por ter me recebido de braços abertos, quando escolhi tal tema para abordar.

Aos caros colegas que se não fosse por nossas conversas de como o turismo ocorre em nosso estado, eu nunca teria pensado em possíveis soluções para algumas problemáticas apresentadas e em como ajudar minha área a ganhar uma possível nova abordagem de trabalho.

Também vão meus agradecimentos especiais a minha Amiga Chayenne Pereira, por estar ao meu lado desde início e me dá força quando eu mais precisei.

Diante de todas as dificuldades que já passei registro que a elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso foi um grande desafio que não teria conseguido sem o apoio e força de todos esses queridos, e palavras nunca descreveram suficientemente meus sentimentos referente a essas pessoas, mais uma coisa é certa, meu sentimento de carinho por vocês é infinito.

Muito Obrigada!

Found out that we don't live to die
Even though there is no reason why

Música: Ocean
Letra: Alok, Zeeba & Iro

RESUMO

O presente trabalho traz em sua gênese as bases fundamentais para uma análise concisa do papel do turismo religioso no que concerne à realidade socioeconômica paraibana. Traçando mecanismos necessários para que o excursionismo de caráter religioso no Estado possa ser explorado em todas suas potencialidades. Partindo da peregrinação litúrgica humana como limiar para a construção de um turismo religioso, nos mostra como o transcender está intrínseco dentro do turismo desde suas origens, e como esse processo é importante para o desenvolvimento do ser humano. O presente projeto incute-se no debate conceitual sobre o próprio termo “turismo religioso”, a fins de esclarecimento. Não obstante, esta análise historicista desemboca na contemporaneidade, e nos ares seculares característicos deste excursionismo. A fim de adequar o perfil de seu trabalho às tendências de uma modernidade influenciadora, a autora conceitualiza um novo adepto, o PEREGRANTE, na finalidade de abarcar os novos fenômenos inseridos no êxodo turístico. Conforme a problematização se estende, em um mundo mais propício à espetacularização da excursão religiosa, a observação de novos polos e suas vantagens socioeconômicas ganha ênfase. Deste debate sobressaem-se questões que fundamentam este presente trabalho, que são: Que vantagens se obteria com a profissionalização deste segmento?; Quais as vantagens para a especialização do guia intérprete?. Na busca de suprir essas questões apresentadas, a autora trabalha em conclusão numa abordagem tríplice, que inclui: conversação dos cursos de ciências das religiões e turismo; gestão pública regimentar e a criação dos Caminhos da Fé da Paraíba.

Palavras-chave: Turismo Religioso; Peregrantes; Paraíba; Caminhos da Fé.

ABSTRACT

The present work brings in its genesis the fundamental bases for a concise analysis of the role of religious tourism with regard to the socioeconomic reality of Paraíba. Outlining necessary mechanisms so that religious excursions in the State can be explored to their full potential. Starting from human liturgical pilgrimage as a threshold for the construction of religious tourism, it shows us how transcendence has been intrinsic within tourism since its origins, and how this process is important for the development of human beings. This project is part of the conceptual debate about the term "religious tourism" itself, for the purpose of clarification. However, this historicist analysis ends in contemporary times, and in the secular airs characteristic of this excursion. In order to adapt the profile of her work to the trends of an influential modernity, the author conceptualizes a new adherent, the PEREGRANT, in order to encompass the new phenomena included in the tourist exodus. As the problematization extends, in a world more conducive to the spectacularization of religious excursions, the observation of new poles and their socioeconomic advantages gains emphasis. From this debate, questions that underpin this present work stand out, which are: What advantages would be obtained from the professionalization of this segment?; What are the advantages to the specialization of the interpreter guide? In seeking to address these questions presented, the author works in conclusion on a threefold approach, which includes: conversation from religious science and tourism courses; public management regulations and the creation of the Caminhos da Fé da Paraíba.

Keywords: Religious Tourism; Pilgrims; Paraíba; Paths of Faith.

Sumário

1- INTRODUÇÃO	9
2- O ATO DE TRANSCENDER	11
2.1 - A TRANSCENDÊNCIA NO TURISMO E NA PEREGRINAÇÃO	12
3. PEREGRINAÇÃO HUMANA DA FÉ DESENCADEADORA DO TURISMO RELIGIOSO	16
4- CONCEITUALIZAÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO	18
5- PEREGRANTE: O TURISTA RELIGIOSO DA ATUALIDADE	29
6- ALGUNS POLOS RELIGIOSOS	39
7- VANTAGENS SOCIOECONÔMICAS DO TURISMO RELIGIOSO	42
7.1- POLOS RELIGIOSOS NA PARAÍBA E SUAS VANTAGENS SOCIOECONOMICAS	49
8- QUE VANTAGENS SE OBTERIA COM A PROFISSIONALIZAÇÃO DESSE SEGMENTO?	50
9- GUIA INTERPRETE: AS VANTAGENS DA ESPECIALIZAÇÃO	53
9.1- DE QUE FORMA O CIENTISTA DAS RELIGIÕES PODE CONTRIBUIR PARA O TURISMO RELIGIOSO?	56
10- CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
11- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

1- INTRODUÇÃO

Este presente trabalho tem sua gênese na necessidade vislumbrada pela autora de abordar um tema que no Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, é quase inexistente. O turismo religioso como ramificação do turismo cultural é apresentado aqui em suas bases elementares, para que possamos compreendê-lo, e observá-lo como impulsionador socioeconômico, compreender seu papel na vida do religioso e não religioso contemporâneo.

Motivada pelo entusiasmo de enveredar-se neste campo de estudo, tem como objeto de análise a busca de sua substancialidade original para que através desta observação criteriosa podem-se notar suas variações em meio à historicidade que lhe compete.

Trazendo teóricos que vão de Peter Berger com sua antropologia social, explicando-nos como a construção nômica é originária de nossa espécie que tende a transcender na procura de um suporte existencial, à conversação com Victor Turner, antropólogo inglês que nos presenteia com seu conceito de liminaridade e as nuances necessárias para compreendermos a estrutura psíquica como “peregrina”, já que parte da procura existencial do ser em transcender seu estado atual de insatisfação – um peregrinar simbólico.

Mergulhando-nos a fundo, começamos a construção do conceito de turismo religioso partindo de Silveira (2007), estruturando-nos no próprio Ministério do Turismo e solidificando-nos em Maio (2004); deste intercâmbio teórico ressaltam-se problemáticas que vão de reducionismo semântico, tanto no que concerne o turismo religioso, quanto ao que se entende como religião.

Desta confusão entre ser ou não turismo religioso, coube à autora deste trabalho alcinhar um conceito que trabalhará de forma genérica todo esse embaralhamento dos vocábulos para designar o participante do excursionismo religioso, sendo ele crente, não crente, romeiro ou viajante, peregrino ou turista; serão todos abarcados em um termo para que de forma pedagógica se facilite o entendimento da análise aqui trazida: peregrante.

Esta análise geral de como o turismo é visto no mundo fundamenta com bases sólidas este fenômeno social em todos os seus desdobramentos, seja ele o cultural, o de lazer, o de férias, educacional ou o religioso. Sendo esse conhecimento o ponto norte desse enfoque, o texto tende do macro ao micro, em termos de uma perspectiva

mundial, partindo do turismo em escala global aos aspectos de um turismo regionalizado, e assim seguimos entre os polos religiosos aptos para ação turística.

Em consonância com as localidades que estão sendo exploradas surge involuntariamente outro aspecto da relação humana que não poderia passar despercebido neste trabalho, o aspecto socioeconômico, e todas suas variantes. Trabalhado nesse estudo como componente vantajoso para o desenvolvimento turístico religioso, as relações mercadológicas ganham um espaço especial no que cabe a ela: O perfil de propulsora do progresso.

Deste modo, o que havia sido trabalhado no texto em escala global, desdobra-se nas minúcias investigativas regionais abordando os polos paraibanos turísticos e as potencialidades socioeconômicas mal exploradas do Estado.

Este panorama retilíneo desta pesquisa bibliográfica indutiva desenha-se em sintonia com o que está querendo ser considerado pela autora, nessa abordagem histórica, econômica, social. Começam a emergir questionamentos, hipóteses, considerações para uma melhor adequação do objeto de estudo em sua contemporaneidade.

Destarte, perguntas como: Que vantagens se teria com a profissionalização do segmento turístico religioso?; Quais benefícios encontraríamos na especialização do guia intérprete?; De que forma as Ciências das Religiões e o Turismo, poderiam ajudar, em termos preparatórios, o segmento aqui trabalhado?. Para isso a autora levanta possíveis soluções, fundamentando-se no já avaliado panorama turístico, onde expressa a finalidade do seu trabalho enquanto pesquisa.

2- O ATO DE TRANSCENDER

Segundo Berger (1985), a condição biológica humana, tem papel fundamental na pré-disposição do ser em transcender; sendo a primeira manifestação humana de transcendência a criação do mundo dos homens, a sociedade. Partindo de sua análise biopsicossocial, Berger salienta a prematuridade biofisiológica¹ humana como ponto de partida que desencadeia o desenvolvimento cognitivo na busca de suprir a debilidade estrutural corpórea do indivíduo. Com as armas que a natureza possibilitou, os *sapiens*² aglutinam-se em torno de sua habilidade de criar realidades inventadas na busca de plausibilidade³ para o mantimento de sua existência.

Podemos perceber através desta análise sucinta da condição humana apresentada por Berger a natureza do transcendental como necessidade consubstancial do indivíduo. Estas nuances nos levam à conversação de Turner e Berger, quando o primeiro nos fala de liminaridade⁴ e manifestações liminóides, sendo estas de relações psicossociais um fenômeno que se apresenta além das fronteiras da religiosidade como processo peregrinante, leia-se transcendental, consciente ou inconsciente.

Sendo através do conceito de liminaridade que Turner nos mostra que é por meio dos fenômenos contraestruturais (no âmbito artístico, religioso e esportivo) que ocorre o que ele vem a chamar de liminaridade. Turner tem essa conclusão, através da análise aos ritos tribais transversalmente do seu interior, com base naquilo que o rito desacorrenta no participante, sendo a partir do procedimento que o ritual faz aos envolvidos nas manifestações litúrgicas⁵. Em seus estudos, ele percebeu que o rito não está desligado da vivência cotidiana e concreta do indivíduo, mas está em correlação retilínea com a decadência da vida na sociedade (Adam, 2018, p. 71 apud Turner, 1989, p. 17, 51). O rito oportunizará um instante de ruptura em torno da conjuntura existencial, no qual desenvolve se uma catástrofe social.

¹ Trata-se da parte orgânica do sujeito.

² Ser humano.

³ As coerências contidas nas convenções sociais.

⁴ Corresponde a um momento de margem dos ritos de passagem: fase ritual na qual os sujeitos apresentam-se indeterminados, em uma espécie de processo transitório de “morte” social, para, em seguida, “renascerem” e reintegrarem-se à estrutura social. Portanto, a liminaridade é uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente

⁵ Ofício religioso regular.

2.1 - A TRANSCENDÊNCIA NO TURISMO E NA PEREGRINAÇÃO

A indústria do excursionismo vem introjetando investimentos nesta distribuição e necessidade do ser humano ao sempre colocar-se em locomoção. O vocábulo *turismo* é originário da palavra francesa *tour*, terminologia equivalente a circuito, volta, rotação ao redor, ou do termo *tourner*, dar a volta, palavras que por vez, tem raiz advinda do latim *tornare*, circular em torno, dar ou fazer a volta. São muitas as localidades, as quais os indivíduos *peregrinam* no globo terrestre, as quais *dão a volta* como excursionistas: reservas naturais, praias, logradouros que se destacam por suas belezas e história, edificações, entre tantos outros motivos (Adam, 2018, p. 70).

É através das raízes desse *tornare*, que podemos compreender o caráter “conversativo” do turistar, peregrinar e transcender, através das similitudes encontradas no sentido existencial destes atos, podemos a início de conversa relaciona-los indivisivelmente do fenômeno da liminaridade onde encontramos no indivíduo o próprio ato cíclico (o que remete à jornada do herói, trabalhada por Campbell, o eterno retorno de Nietzsche ou o rito periódico na necessidade de habitar o templo sagrado trazido por Eliade) de percorrer para além de sua degradável ou insatisfatória condição social. Na psique humana, este evento acontece na busca do indivíduo num percurso simbólico de projetar-se de um ponto a outro em escala satisfatória. Poderíamos assim, aludir a um “peregrinar psíquico”, mostrando-nos a consubstancialidade transcendental do *tornare* nas diversas instancias da vida.

Deste ponto, porque não relacionarmos o turismo ao peregrinar já que encontramos aspectos ritualísticos de ruptura em ambos os segmentos, aliás, por que não falamos agora despidos de questionamentos, de um turismo religioso de forma ampla, já que simbolicamente turistar e peregrinar, competem a mesma busca existencial: o reinventar-se, o recriar-se, o reencontra-se, é o habitar por um instante se quer, o estado de satisfação intemporal. É através desse estado de satisfação, que o ser humano reconhece o seu verdadeiro eu. Com a experiência do caminhar, percorrendo toda aquela localidade, que tem uma simbologia sacra, que ultrapassa os limites da credence e da fé, daquele andarilho, fazendo com que aquela localidade tenha cultura, ritos e mitos, dessa forma tenha vida própria e faça com que aquele peregrante se envolva de todas as formas, nesse rito por completo.

Nessa etapa do ato liminar, “o ritual não apresenta tanto o mundo, mas fundamenta e cria o mundo” (Adam, 2018, p. 72 apud JENNINGS, 1998, p. 162), que

esboça a similaridade da manifestação litúrgica com relação a trama social como um todo vivida.

O espaço de transição não é um vácuo. Como espaço, ele se encontra elaborado e organizado. Simultaneamente, entretanto, abre-se um espaço livre, um interlúdio da nova combinação e das experiências interpretativas. Pois é exatamente assim que surge significação. O espaço de transição de limite abre uma área de construção e um tempo interino (ADAM, 2018, P. 72 APUD BAHR, 1998, p. 147).

É indescritível o quão esses segmentos conversam e entrelaçam-se quase que constantemente, abrindo-nos a essa perspectiva que Turner (1989) nos dá sobre liminaridade, como também Berger (1985) expõe brilhantemente as construções nômicas⁶, podemos deixar de lado o separatismo e tratarmos o turismo quanto a peregrinação como lados iguais da mesma moeda.

O sentimento de transcendência encontrado na infraestrutura destas tendências sociais faz parte do mesmo arcabouço ontológico manifestadas ritualisticamente, seu processo de homogeneidade significativa torna-se resolutivo a Turner (1989), pois expressa a transição liminar da dimensão temporal e espacial ao qual o indivíduo encontra-se materialmente enclausurado. Através dessa ruptura encontrada tanto no lazer propiciado pela atividade excursionista, ora pela ação peregrina de fé, o antropólogo encontra a base fundamental que une essas duas abordagens significativas do *tornare? humano*, a bifurcação das formas de vida representadas na sociedade: antiestrutura e estrutura. Pois para ele a civilização não se caracteriza como palpável ou condição estável, mas varia numa eterna sucessão de existir e não existir.

Em suma, a condição de transcender encontrada na peregrinação ou ludambulismo⁷, permanece sucessivamente entrelaçada ao existir enquanto criação social e o não existir enquanto ao que compete toda construção social irrompida do tempo e espaço pela necessidade transcendental⁸.

É como se aqui surgissem dois modelos principais de relacionamentos sociais humanos, que subsistem lado a lado e se alternam mutuamente. O primeiro modelo apresenta a sociedade como sistema estruturado,

⁶ Refere-se a construção social da realidade, vivida por uma determinada sociedade.

⁷ Embora o significado do termo seja disputado, a Organização das Nações Unidas e a Organização Mundial de Turismo definem Turismo como a atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Turismo>

⁸ Necessidade de evolução espiritual.

diferenciado e muitas vezes subdividido hierarquicamente em posições políticas, jurídicas e econômicas, com muitas formas de avaliação, que dividem as pessoas no sentido de um “mais” ou “menos”. O segundo modelo, claramente reconhecível na fase de liminaridade, é o da sociedade como comunidade não estruturada ou estruturada rudimentarmente e parcialmente não diferenciada, *comitatus*, ou também como comunidade de iguais, que se submetem conjuntamente à autoridade geral dos ritualmente mais idosos (ADAM, 2018, p. 72 apud TURNER, 1989, p. 96).

No que aborda sua teoria, é no rito, este conjunto repetitivo cerimonial, que a evasão passageira da concepção estrutural se dá, por intermédio deste conhecimento, atribuições e confrontos pessoais ou públicos são recompostos. No instante que o infortúnio se institui no existir coletivo ou privativo, os atos litúrgicos mostram-se para confrontá-los, aproveitando-se das instâncias simbólicas da manifestação social de realidade, confrontando as pessoas com as raízes de seus males. O rito como prática assegura, deste modo, a estabilidade emocional servindo de parâmetro terapêutico (Adam, 2018, p. 72).

Segundo Turner (1989), o ritual credita a possibilidade de viver a tragédia social e reproduzir esta batalha. Encontrando no rito a função expressiva de metacomentário social de acordo com critérios necessários mediante a um curso arranjado, na qual envolve pessoas (passantes) renascidas, mais uma vez incorporadas e transmutadas. Essa renovação dar-se pela tensão simbólica e contraditória da passagem realizada pelo rito.

Na “fase de transição” média, o sujeito ritual (o “passante”) é caracterizado por ambiguidade; ele atravessa uma área cultural, que apresenta poucas ou nenhuma das características do estado passado ou futuro. [...] Seres de transição não estão nem aqui nem acolá, eles não são nem uma nem outra coisa, mas se encontram entre as posições fixadas pela lei, pela tradição, pela convenção e pelo cerimonial. Muitas sociedades que ritualizam passagens sociais e culturais dispõem, por essa razão, de uma multiplicidade de símbolos que expressam essa ambiguidade e indeterminação do estado de transição. Dessa forma, o estado de transição muitas vezes é equiparado com a morte, a existência no útero, com invisibilidade, escuridão, bissexualidade, com local selvagem e com eclipse solar ou lunar. (ADAM, 2018, p. 73 apud TURNER, 1989, p. 94).

Posteriormente ao desenvolvimento de liminaridade, peculiar aos povos tribais⁹, Turner começa a conjecturar soluções aos embates sociais das civilizações industrializadas, globalizadas e tecnicistas. Partindo desse novo panorama o antropólogo requinta o conceito de liminaridade e alinha, *liminóides*. Os eventos

⁹ Através de suas pesquisas, Turner conseguiu observar esse fato ocorrer, com frequência aos povos tribais.

característicos *liminóides* ou proto-liminares se personificam como desdobramentos da liminaridade de povos de sociedades tradicionais, arcaicas e tribais. Em conformidade com seu pensamento, nas sociedades contemporâneas a liminaridade encontra-se estratificada em diversos modelos de funcionamentos socioculturais, como as artes cênicas, os desportes, as artes visuais, etc. (Adam, 2018, p. 74 apud Rosa, 2017, p. 5). Turner aloca o peregrinar em meio desta nova roupagem de liminaridade, como um subproduto, liminóide.

Ou seja, as peregrinações, semelhante ao teatro, o lazer, o esporte e o turismo, seriam para Turner momentos rituais de quase-limiaridade, momentos liminóides. Além de estarem fragmentados, na experiência liminóide a pessoa é livre para participar ou não. Mesmo assim, também os liminóides possibilitam descobertas e iluminação, uma experiência com a antiestrutura da sociedade, uma forma de quase-*communitas*, pode-se dizer. A quase-limiaridade também provoca ambivalência e, além disso, uma espécie de ausência de status, uma mescla de humilhação e santidade ao mesmo tempo, num processo dialético (ADAM, 2018, p. 74 apud TURNER; TURNER, 1978, p. 253.).

Embasado nessa perspectiva, pode-se afirmar que a peregrinação se faz entre as lacunas do corpo espiritual e social, imbuindo-se na margem periférica estrutural, tão qual na margem subterrânea encontrada abaixo da estrutura. Como antiestrutura, rompem e emancipam-se da normatização que guiam e sustentam os laços estruturados e institucionais, e escoltada do conhecimento intensificado sem antecedentes.

A peregrinação, então, tem algum atributo de liminalidade em ritos de passagem: libertação da estrutura mundana; homogeneização do status; simplicidade de vestimenta e comportamento; *communitas*; provação; reflexão sobre o significado dos valores religiosos e culturais básicos; Ratificação de correspondências entre paradigmas religiosos e experiências humanas compartilhadas; emergência da integralidade pessoal a partir de múltiplos personagens; O movimento de um centro mundano para uma periferia sagrada, a qual, de repente e transitoriamente, torna-se central para o indivíduo, um *axis mundi* de sua fé; O próprio movimento, um símbolo de *communitas*, que muda com o tempo, contra o estabelecido, que representa a estrutura; individualidade colocada contra o meio institucionalizado; e assim por diante. Mas, uma vez que é voluntário, não um mecanismo social obrigatório para marcar a transição de um indivíduo ou grupo de um estado ou status para outro dentro da esfera mundana, a peregrinação talvez seja melhor definida como “liminoide” ou “quase-liminar”, em vez de “liminar”, no sentido pleno de Van Gennep. (ADAM, 2018, p. 74 apud TURNER, 1989, p. 1250; TURNER, 1978, p. 34.).

Podemos perceber através dos autores citados acima, que tais termos como liminaridade e os demais, expressam o quanto é de extrema importância ao ser humano passar por essa passagem, por esse rito que é o peregrinar, que ocorre no Turismo Religioso. De forma que traz não só a elevação do social, mas a transcendência, que em seu íntimo, todos os seres humanos almejam.

3. PEREGRINAÇÃO HUMANA DA FÉ DESENCADEADORA DO TURISMO RELIGIOSO

Desde primórdios o homem começa a se movimentar por questões de suas crenças e da crença no que se considera divino, independente de seita ou religião, foi assim que as peregrinações religiosas se iniciaram como uma prática religiosa ascética. Já os indivíduos que participavam dessas manifestações eram considerados peregrinos porque percorriam longas jornadas em busca por algo espiritual.

As movimentações por aspectos religiosos são praticadas desde a antiguidade por religiões como a islâmica, a hinduísta e as pagãs. “Muitas religiões primitivas que motivaram peregrinações na Antiguidade são hoje muito menos influentes, como é o caso dos adoradores do fogo ou dos zoroastrianos” (JALUSKA, 2015 p. 2 apud SWARBROOKE, 2002, p.60).

Conforme registros históricos as principais peregrinações registradas na história são as peregrinações de religiões de cunho monoteísta (como o Cristianismo que tinham por destino a Terra Santa, datadas no início do século IV).

As peregrinações (etimologicamente, do latim *per agros*, isto é, *pelos campos*) têm este caráter simbólico, religioso, liminal, no sentido de que a caminhada e os lugares por onde e para onde se caminha, tem um sentido maior, amplo e complexo, que extrapola o caminhar em si (ADAM, 2018, p. 67 apud TURNER, 1978, p. 17).

Posteriormente, segundo Jaluska (2015, p.2), logo após o declínio do Império Romano, surgindo uma nova modalidade de peregrinações que foram feitas a Europa e Ásia, viagens essas motivadas pelas religiões monoteístas (que são os relatos mais conhecidos), alguns destinos foram Meca, Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Percebe-se que os peregrinos cristãos são estimulados em sua grande maioria graças às escrituras, por elas estarem repletas de histórias de viagens que foram responsáveis por moldar, em sua grande parte, as tradições judaico-cristãs, já que boa parte dessas escrituras foram desenvolvidas na estrada.

Tanto como nas religiões com grande estrutura (Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo e Judaísmo), nas tradições dos templos, sejam nas tradições dos grandes livros. Existem relatos de procissões e peregrinações, como o próprio ato de peregrinar possa ser entendido como uma etapa do mito do herói, que sempre recomeça para se reencontrar com o divino, remetendo-se a morte simbólica do peregrino, para o renascimento a vida eterna.

Alguns fiéis são motivados, pelo exemplo, que as escrituras trazem em suas entrelinhas, as peregrinações que se tem datadas são a partir do séc. VII, pois eram formas de devoções itinerante na busca do sagrado. Nessa época, as viagens eram consideradas bem perigosas, os deslocamentos tinham como objetivo penitências dos peregrinos, atualmente, em sua grande maioria é na busca da autorrealização e do crescimento pessoal de cada viajante.

No mundo antigo, o turismo religioso experimentou sua primeira recuperação. Entre os celtas do oeste central, sul e oeste da Europa, os bosques sagrados e cemitérios eram lugares de grandes encontros e cerimônias para as quais os sacerdotes politicamente ativos trouxeram seu sacrifício (Roussel, 1954, p. 12). Entre as tribos germânicas, o Irminsul e o templo de Uppsala, representou religiosos regionais e supra-regionais centros, respectivamente. Em tempos de grandes festividades, tribos germânicas de toda a Suécia se reuniam, por exemplo, em Uppsala (RINSCHÉDE, 1992, p. 53).

As locomoções feitas por motivos de cunho religioso podem configurar-se como uma das primeiras práticas da humanidade, por haver registros de deslocamentos para ritos e cultos desde os primeiros relatos escritos. Dessa forma, podemos observar que o turismo religioso permanece em plena expansão e vem chamando atenção dos estudiosos, promovendo olhares para este segmento.

Segundo Teixeira e Romão (2005, p. 3) as atividades turísticas envolvem uma movimentação contínua de pessoas, que se locomovem de seu local de origem a outro destino. Esse deslocamento e permanência do indivíduo longe de seu habitat provocam grandes alterações culturais, econômicas, ambientais, políticas, sociais e existências, podendo apresentar aspectos tanto positivos quanto negativos.

Em sua maioria, esses visitantes são motivados pela fé, na busca do religare (religamento/reencontro com o divino), de encontro ao sagrado. Mas, não devemos esquecer os demais excursionistas que vão para conhecer a localidade, sua cultura, festas entre outros aspectos atrativos (considerados profanos).

Pressupõe-se que algumas das grandes transformações que o globo vem passando (inclusive que o nosso país vem sofrendo), como alterações nos sistemas histórico-políticos, reproduzem não só na sociedade civil, mas no próprio indivíduo como um todo. A sociedade perpassa por aspectos psicológicos nos quais norteiam as atitudes do sujeito e seu coletivo, suas cosmogonias são os fatores que os identificam, dessa forma, ela faz com que o ser cultural se reconheça em seu meio.

Neste último grupo, estão grande parte dos centros de peregrinação no Brasil, ligados à Igreja Católica Apostólica Romana: Nossa Senhora de Aparecida, em Aparecida/SP; Padre Cícero, em Juazeiro do Norte/CE; Bom Jesus da Lapa, na Bahia. E centros menores, como Nossa Senhora do Caravágio, em Farroupilha/RS e o Santuário do Pe. Reus, em São Leopoldo/RS e centenas de outros tantos. Em todos os casos, pessoas caminham em busca de algo maior que a própria caminhada (ADAM, 2018, p. 68).

O indivíduo desde quando nasce é obrigado a viver em movimento constante, na procura daquilo que é ausente. Para um povo, o ato do caminhar a pé possui aspectos simbólicos, para os demais, características de uma religiosidade.

4- CONCEITUALIZAÇÃO DO TURISMO RELIGIOSO

O turismo religioso se orienta pelas motivações dos ludambulistas¹⁰ No todo, pode-se diferenciar os seguintes tipos de turismo de acordo para a motivação: turismo de férias, que inclui fim de semana e férias, turismo balneário e turismo de prazer; turismo cultural, que corresponde aproximadamente ao turismo educacional, mas que também inclui turismo científico; turismo religioso, que inclui a visita de religiosos, cerimônias e conferências, sobretudo a visita de autoridades locais, regionais, nacionais, e centros religiosos internacionais o qual não deixa de ser educacional; turismo social ou de grupo, que ocorre como turismo de família estendida ou como clube de turismo com a integração do turista no grupo de viagem (RINSCHÉDE, 1992, p. 52).

A primeira ideia que se tem ao mencionar o termo *Turismo Religioso* é de que seu usuário pretenda, tão somente, fazer um trocadilho com duas noções que se defrontam. Afinal, de que maneira os aspectos ditos “profanos” do universo turístico – lazer, prazer, entretenimento e descontração – podem compor uma

¹⁰ Viajantes.

atividade cheia de obrigações espirituais ou “sacrifícios” como um fenômeno religioso? temos um Turismo Religioso, a não ser que a própria realidade religiosa – a manifestação pública e coletiva da fé, - absorva bases e estruturas do fazer turístico (OLIVEIRA, 2008, p.1).

Dessa forma Carneiro (2013, p. 148) e Steil (1998, p.10) nos mostram que o ato do peregrinar e turistar estariam entrelaçados a realidade do ser humano, conseguindo erguer na esfera religiosa um arranjo turístico, amplo de significações, importância e princípios, o qual acaba ritmado ao legado peregrínico, produzindo dessa forma o evento, popularmente conhecido como *turismo religioso*.

Vamos adentrar as questões que instigaram a essa pesquisa sobre o turismo religioso. Fazendo se necessário o adentramento nas temáticas trazidas pelo ludambulismo¹¹ litúrgico.

Nesta situação a EMBRATUR¹² ressalta que o excursionismo religioso se configura por práticas que tenham uma finalidade de encontro com o transcendental e ações sacralizadas em algumas regiões e festividades relacionadas às religiões regimentalizadas.

Alguns fenômenos são particularidades de religiões afro-brasileiras, católica, espírita, oriental, protestante, que em seu arcabouço possuem dogmas, estruturas, sacerdócio, rituais e templos.

As atividades religiosas, e a busca espiritualista, segundo Brasil (2010, p.19) expressa se pela interação dos festejos e comemorações religiosas, manifestações artísticas religiosas, encontros e celebrações pertinentes à evangelização de crentes, conhecimento a espaços e edificações de cunho cosmogônico, e trajetos interligados a religiosidade, quaisquer que sejam elas.

Os Excursionismos religiosos ocorrem a partir do momento em que um conjunto de pessoas (religiosas ou não, o não numa perspectiva moderna) desloca-se de seu logradouro, para outro, movidos através da fé ou curiosidade para determinado ambiente que se tenha algum tipo de peregrinação ou derivados afins, para eventos religiosos/profanos ou para um local com significado de santo (para determinada religião ou fiéis).

Podemos compreender as romarias ligadas às práticas católicas, que eram utilizadas para identificação dos peregrinos que viajavam para Itália e Roma. Esse

¹¹ Sinônimo de turismo;

¹² Empresa Brasileira de Turismo;

termo hoje pode ser estendido ou utilizado para viagens empreendidas a lugares por grupos considerados sagrados para o Cristianismo.

Em vista disso, Jaluska (2015, p. 4) aduz que o turismo engloba as viagens peregrinas e outros tipos de viagens que sejam motivadas na busca do sagrado, transformando em um rico segmento de mercado.

Ao longo dos tempos, o segmento da religiosidade tem causado uma forte influência na cadeia turística. A noção do turismo religioso se desenvolve a partir da compreensão das motivações turísticas. A única diferença desse segmento turístico em relação aos demais é a motivação religiosa como razão principal desses deslocamentos. (TEIXERA; ROMÃO, 2005, p. 3).

Por isso, esse tipo de turismo vem sendo modernizado através das características responsáveis pela união entre o sagrado e profano, através das inúmeras motivações como entretenimento, lazer, curiosidade, a busca pelo conhecimento, e pela meditação, penitência ou renovação.

Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 276 apud RINSCHÉDE, 1992), o turismo religioso vem situar-se na confluência de polaridades distintas: ao mundo religioso e ao mundo profano, onde os participantes são exclusivamente ou parcialmente motivados por questões religiosas.

Por outro lado, considera tal motivação como elemento fundamental na diferenciação do turismo religioso em face de outras roupagens de turismos, pelo que se considera por turismo religioso qualquer deslocamento a um lugar que seja tido ou considerado como sagrado, mesmo que o motivo principal não seja devoção a tal cosmogonia.

Sendo assim, o excursionismo religioso pode ser conceituado como um turismo motivado pelo interesse a alguma cultura religiosa ou pela fé, daquele peregrante¹³, que compreende as visitas a santuários, templos ou práticas religiosas como romarias e peregrinações.

Não pode ser esquecido que o turismo religioso, atualmente possui uma importância significativa pelo fato de situar-se no encontro entre dois fatores socioculturais de atual significado para o estado da cultura humana: turismo e religião.

O Turismo pode ser interpretado como uma forma moderna de peregrinação. Assim sendo suas principais características são a multifuncionalidade das

¹³ Um novo tipo de peregrino

deslocações e a sobreposição dos turistas-peregrinos. O Turismo Religioso é, assim, caracterizado por uma ligação íntima entre o fenómeno turístico e o fenómeno religioso (ANTUNES; BARROCO; DIAS, 2016, p. 275 apud BURNS 1999; VIEIRA 2008).

Logicamente que com o aumento no fluxo de procura por essa linha de turismo, aumenta-se, gradativamente, a expectativa do turista em relação ao que se é ofertado durante sua viagem, pois não se pode negar: que o excursionista religioso também é um consumidor.

De acordo como entendimento de Maio (2003, p. 55), a ampliação conceitual do significado de turismo religioso, abre um leque de possibilidades para o desenvolvimento prático da atividade turística, que é, na sua essência, um fenómeno interdisciplinar. Assim, os aspectos econômicos, sociais, culturais, históricos e religiosos podem ser contemplados em um plano de desenvolvimento do turismo religioso.

Naturalmente, a discussão sobre o turismo cultural é observada de forma expansiva, onde podemos incluir indivíduos envolvidos nessa fração religiosa. Ao referenciar a OMT¹⁴, Aragão e Macedo (2011, p. 406), elaboram um conceito que o ludambulismo cultural é:

[...] um movimento de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visita a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações (p. 26).

Dessa forma, podemos observar que o turismo religioso é uma ramificação do excursionismo cultural, o qual sugere o estímulo no deslocamento de indivíduos a localidades onde ocorrem cultos ou peregrinações, os quais façam com que os mesmos encontrem seu preenchimento ou bem-estar transcendental.

O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região (ARAGÃO; MACEDO, 2011 p. 406 apud DIAS, 2003, p. 17).

¹⁴ Organização do Turismo Mundial;

No caderno de orientações básicas do Turismo Cultural (2010, p. 19), podemos observar que o turismo religioso, possui uma divisão entre o turismo religioso e o turismo místico e esotérico, dessa forma vemos que a próprio ministério do turismo faz uma divisão redutora do que podemos classificar como turismo religioso, favorecendo as religiões institucionalizadas, em detrimento a antigos e novos aspectos de religiosidades, nesse ponto de partida, poderíamos pensar em uma reformulação ampla do significado de turismo religioso, cabendo-nos, não reduzirmos ao institucionalmente aceito, mas abrir o leque do pluralismo semântico que engloba todas essas manifestações transcendentais¹⁵.

A jornada, como cita Aragão e Macedo (2011, p. 407 apud TRIGO 2010), primeiramente é uma romaria em sua companhia, e automaticamente já se argumenta como bagagem essencial existencial do indivíduo, e a posterior vem a ter cunho cultural, geográfico e social.

Podemos perceber que as categorizações como componentes das ações turísticas são de extrema importância para o marketing que se quer aplicar dentro daquele roteiro, o qual subtrai turistas/consumidores, na procura de eficiência de ofertas pré-determinadas, em segmentos e subsegmentos, sendo assim equacionando a proposta e procura.

No excursionismo religioso esse know-how¹⁶ cai em evidência, posto que o peregrante está em volto de uma condição emotiva proporcionada pelo contato com o sacro: este sentimento que o transborda reflete-se tanto nas condições psíquicas e físicas, por sua vez, motiva o participante a deslocar-se ao espaço onde manifesta-se os festejos e cerimônias, que lhe aprazam. Este deslocamento se dá pelo sentimento de satisfação que lhe envolve, do que, a finalidade como deslocamento.

Oliveira refere-se à concepção do ludambulismo religioso como regresso do ser a sua essência, especificando:

E por isso mesmo marcado por um exercício de plena inversão: visitar santuários (tradicional ou profanos) significa voltar ao lugar de identidade. (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 407 apud OLIVEIRA, 2005, p. 339).

As mais diversas concepções entorno do sagrado e locomoção para tais localidades que possuam algum tipo de atratividade excursionista proporcionam o

¹⁵ Como citada na página 19;

¹⁶ Conhecimento, experiência;

vislumbre com as particularidades que o excursionismo religioso possui em detrimento do propósito do traslado, a longinquidade, e a localidade.

Em um diálogo, o ludambulismo religioso refere-se a uma busca de peculiaridades. Beni expõe sua ideia sobre o segmento:

“[...] esses peregrinos assumem um comportamento de consumo turístico, pois utilizam equipamentos e serviços com uma estrutura de gastos semelhante à dos turistas reais” (ARAGÃO; MACEDO, p. 408 apud BENI, 2000, p. 422).

Porém, quando Beni expõe sua ideia sobre os peregrinos, ele cita como se os mesmos não fossem turistas, esquecendo-se que qualquer indivíduo que sai da sua localidade para outra, movido por qualquer motivo que seja, ele é um tipo de turista, mas ele só pode ser classificado posteriormente com o tipo de viagem que essa pessoa faz.

Podemos constatar que em sua grande maioria os romeiros têm conhecimento da localidade, pois existe uma valorização simbólica do sofrimento da romaria, tendo em vista uma proporção revinda para o martírio. Distintamente de uma locomoção feita com entusiasmo para um enriquecimento sociocultural.

Mas o que comentar sobre o ludambulismo ao Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, cidade de Fátima, em Portugal, Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em São Paulo, Lourdes na França ou as excursões a Jerusalém no Oriente Médio. Os lugares de ocorrências sagradas de religiões de cunho católico envolvem-se de personalidade multifacetada, dessa polissêmica, impedindo o estabelecimento de fronteiras nítidas de categorização através da procura desse segmento.

Segundo Silveira (2006, p. 34 apud AMIROU, 1995; GRABURN, 1995) nos demonstram a probabilidade de união entre duas profundidades que são consideradas de fundamental importância para a alteração de conduta humana: o religare, na figura do ato de peregrinar, e a locomoção enquanto estado temporário, na imagem de turismo.

Tanto a incursão de caráter peregrino, quanto à excursão de cunho mercadológico¹⁷, expressam-se além da experiência histórica, além da dimensão espacial, além da capacidade cognitiva, manifestadas nessas duas tendências

¹⁷ Turismo;

antropológicas de sociabilidade: o ato peregrino, que alude ao perfil de Turner (1989) de *communitas*; e o excursionismo, ao aspecto social de corte, na alusão aferida por Norbert Elias (1990).

Na proposição, o turismo seria um sucedâneo da experiência religiosa antiga e medieval, expressa na peregrinação enquanto busca pelo sagrado, que sai de uma estrutura do cotidiano e forma, provisoriamente, uma *communita* (SILVEIRA, 2006, p. 34 apud GRABURN, 1995).

Ainda conforme Silveira (2006, p. 35), em meados dos anos de 1960 surge o vocábulo turismo religioso o qual vem alcançando uma serventia para setores interligados a análises acadêmicas no que se refere ao turismo, do setor empresarial, do vínculo igreja católica com este segmento.

A significação é bem precisa, Steil nos mostra (1998, p. 6), que se consegue explicar sobre turismo religioso no momento em que o sacro traslada como condição de observação para o dia a dia, de ações de consumo, festividades e bem estar.

Assim, os turistas passam a participar de eventos como o Natal, não mais os vinculando à tradição cristã, mas relacionando-os a uma experiência inusitada, espiritual e consumista ao mesmo tempo, na qual a questão da autenticidade é recolocada. A experiência turística se transforma, então, em um estilo, produzindo um determinado nível de reflexividade (SILVEIRA, 2006, p. 36 apud GIDDENS, 1990).

O excursionismo religioso, abarca a atividade de substrato social nomenclaturada na ação de visitação de espaços hieráticos, utilizando-se do suporte de estalagens. Caso que acaba lhe atribuindo a alcunha de turismo místico ou esotérico, evangelista etc. (Matutu, São Thomé das Letras sambas, cidades de Minas Gerais).

Destarte, cabe o questionamento, o que propriamente poder-se-ia atribuir como turismo religioso? Quais são seus elementos diferenciais em relação às procissões, promissões, excursões aos espaços sacros? Não seria a mesma carga emotiva o que induzem peregrinos e viajantes.

Segundo Silveira (2006, p. 36) É fato que locais de culto e manifestações religiosas, eventos de cunho místico- espiritual atraem turistas, romeiros e fiéis, que vão aos mesmos lugares e festas. Dessa forma, nem toda viagem é turismo e vice-versa. Entretanto, na teoria de Maffesoli (2001, p. 23), o turismo poderia ser uma insurgência:

[...]

O fechamento praticado durante toda modernidade mostra, por todos os lados, sinais de fraqueza. Pouco importa [...] os que representam seus vetares: hippies, vagabundos, poetas, jovens sem ponto de referência ou mesmo turistas surpreendidos nos circuitos de férias programadas. (SILVEIRA 2006, p. 36 apud MAFFESOLI, 2001, p.23).

Silveira nos mostra, (2006, p. 36 apud BOYER, 1996) o quão plural é conceber o excursionismo como manifestação cíclica, uma tendência trazida a voga no efervescer do século XIX, por mais que aspectos flagrantes tenham sido aparecidos em meados do XVIII.

Deste modo qualquer reducionismo no que se refere à manifestação turismo, às diversas feições sociais, a exemplo, jornadear, torna-se arbitrária, pois longe disso a análise de suas facetas sócias se dá em meio a vida inseria no intimo da religiosidade, o aspecto norte de sua fenomenologia social.

Partindo disso nota-se, com justiça, graus de um autoritarismo no que diz respeito a o ícone e seu significativo.

Diante disso, ao exprimir o termo “turismo religioso” entra-se instancias presumivelmente contrarias: a ação de descompromisso característica do entretenimento; e a devoção, enraizada na identidade religiosa, manifestação litúrgica e tradições morais. Haja vista no perfil relacionado a religiosidade brasileira, não se pode reduzir a religião num objeto de imutabilidade substancial, rebelde as ações apazíveis.

Silveira (2006, p. 37) nos mostra que a diversidade religiosa do nosso país se intensificou, desde anos de 1980 e 1990, momentos cruciais o qual a urbanização e o upgrade industrial movimentaram as cidades e capitais de porte mediano.

Professado por 91 % da população em 1970, o Catolicismo caiu para 73% em 2004, e, em algumas cidades, como o Rio de Janeiro, chegou a 57%. O Protestantismo, no geral, é professado por 17% da população brasileira. Também são décadas de construção de um "mercado turístico nacional" (SILVEIRA 2006, p. 37).

Segundo Silveira (2006, p. 38) é no enquadramento que a contemporaneidade vem referir-se à edificação de experimentações que implodem os limites cartesianos

acordados entre cultura popular, religião e turismo, inserindo um curso de identidades o qual emergem o absorvimento da categorização mercantil, a qual é proveniente dos causadores religiosos, especialmente dos meios de comunicabilidade.

Eventualmente, não possa ser isso que a nomenclatura turismo religioso, queira expressar, sua pluralidade na solidez do constituir governamentalmente no domínio das doutrinas (da doutrina) nas sociedades como a brasileira (de cunho periférico ou tido como marginalizado).

É nesse contexto que essa categoria emerge; inicia-se, assim, uma espécie de "transversalização", ou seja, perpassa-se, viaja-se desde as esferas dos agentes econômicos do turismo (agências de viagem, especialistas em turismo etc.) à nomenclatura de determinados agentes eclesiais (SILVEIRA, 2006, p. 38 apud ASSUNÇÃO, 2002).

Por conseguinte, Silveira (2006, p. 38) nos mostra que a naturalização do vocábulo turismo religioso, operando-se uma locomoção etimológica dos termos-palavras, no que compreende as transições operadas entre os eixos política-religião-cultura-turismo.

Nosso país tem um fluxo nessa categoria considerável, um mercado movimentado para essa categoria. Principalmente para o turismo de cunho cristão, o qual é mais trabalhado dentro do Brasil, graças aos monumentos e festividades religiosas que são mediadas pelos agentes excursionistas e que automaticamente atraem visitantes aos templos. Sendo assim a igreja cria a pastoral do turismo, para poder administrar esse fluxo de pessoas que peregrinavam a estas localidades de fé.

Na Conferência Mundial de Roma, de 1960, o turismo religioso movimentava peregrinos em viagens pelos mistérios da fé ou da devoção a algum santo. Na prática, são viagens organizadas para locais sagrados, eventos ligados à evangelização, festas religiosas periódicas, espetáculos de cunho religioso (SILVEIRA, 2006, p. 38 apud PONTIFICIO CONSEJO, 2003).

A alteração de significação das terminologias turismo e religião, tão quanto sua correspondência, é limiar ao vocábulo *turismo religioso*: no que indica os relacionamentos atuais através das áreas referidas as quais localizam se potencialidades mercadológicas, tanto para a comunidade em torno, mas para micro e pequenos empresários.

A expressão "turismo religioso" adquiriu foros de conceito. Para alguns, a expressão é assumida e naturalizada. Há pesquisador que a assume sem

problematizar, outros a questionam; e assim também o é para membros da Igreja e do Governo (SILVEIRA, 2006, p. 38 apud DIAS; SILVEIRA, 2003).

Podemos observar que nos dias atuais a terminologia *turismo religioso* é utilizada para as mais variadas finalidades, que vão de acadêmicos, agentes religiosos, empresários, comércio local, políticos, entre outros, que muitas vezes criam atividades articuladas em conjunto, com a proposta de extrair de hábitos seculares das religiões, uma oportunidade de comercialização, de tudo que englobe esses fieis ou não, com discursos otimistas, de uma prosperidade socioeconômica e desenvolvimento sociocultural para aquela localidade.

Outrora se discutia o imbricamento entre religião e turismo. Mas, até que momento os fenômenos populares religiosos, que ocorrem algumas regiões, possam ser considerados como um turismo religioso? Silveira (2006, p. 41 apud BARRETO, 2001), nos diz que daí o sentido contraditório no subtítulo: raízes "pós-modernas", colocado entre aspas para amenizar-se a aporia da expressão. Mas raízes de um formato diferente: não uma raiz de desenho axial, mas um rizoma.

O rizoma não tem início nem fim definidos, nem eixo principal, nem fronteira nítida. Ele se espalha como uma rede pelo solo. Talvez a expressão: turismo religioso, ainda que questionável, refira-se a um "rizoma" que entrelaça, em forma randômica, a expressão popular da cultura, o deslocamento turístico e a religião (SILVEIRA, 2006, p. 41).

Esse procedimento só consegue ser compreendido através da ampliação do mercado de consumo, como meio de culturalização, na qual o cidadão consome, automaticamente existe. Com a expansão desse segmento mercadológico, e como o a religião perdeu coordenadas as quais à fixavam em um arranjo social, surgindo assim o que alguns teóricos denominaram por turismo religioso (Steil, 1998, p. 4).

Podemos observar nos dizeres de Silveira (2006, p. 41) que os centros religiosos mais atrativos e populares, que são de religiosidade popular Lourdes – França, Fátima – Portugal, Aparecida – Brasil, possuem um fluxo na sua atratividade, o qual movimenta centenas de indivíduos anualmente, movimentando o comércio, desejos, comunicação, ritos, desenvolvem-se para além de elementos de crença, de fé, de romaria e peregrinação; resultam em um ambiente no qual desenroscam hábitos de deslocamento e consumação, ligado a forma que a religião se expõe, fabricando uma nova modelagem de arranjo social.

Podemos perceber inerentemente na perda da eficiência do símbolo dentro do âmbito religioso, que transportou para a comunidade laica os sentimentos, a vivência religiosa como essência das religiões emergentes, configurando outras roupagens de experiência: que vai da viagem, ao aprazível.

O excursionismo torna-se ação de consumação expandida incessantemente, para Bauman (1998), um indício exemplificador de contemporâneos arranjos das sociedades pós-modernas. Há uma associação entre deslocamento-viagem-consumo (essência) e as religiões (forma), a qual a herança peregrina é mesurada pelo ludambulismo, rearranjos apresentados com destreza e sagacidade nas pesquisas de Steil (1998, p. 4).

Nesse cenário, temos religião, turismo e política, a qual constitui uma conexão fidedigna, sincrética, sincrônica de operacionalização, de identidade e afinidade semiótica, suscetível de visualizações através de fatos. Então ocorre a oficialização dos festejos e feriados religiosos, que se tornam interessantes para o excursionismo nas regiões brasileiras.

Algumas das comemorações, temos a Paixão de Cristo, em nova Jerusalém, o qual se foi criado palcos para os turistas contemplarem a peça da encenação da morte do menino palestino. Onde comove uma multidão de pessoas para assistir a vida e morte do messias encarnado. Podemos perceber que existe certa comoção das cidades das redondezas para o comércio local, e apoio dos poderes públicos na operacionalização das políticas dentro da religião para a realização das atratividades turísticas em volta.

No horizonte da globalização, do turismo e da secularização, podemos pensar ainda em outras formas de peregrinação. Situações marcantes deslocam pessoas a caminhar: locais, monumentos da memória são lugares que atraem milhares de pessoas, como museus, casas, monumentos, cidades. O estudo de Post, Molendijk e Kroesen (2011) sobre os espaços sagrados na cultura ocidental moderna, identifica não só um incremento nos antigos centros de peregrinação na Europa, como Santiago de Compostela, no norte da Espanha, mas também um incrível deslocamento de pessoas visitando – como turistas-peregrinos – locais de memória. Segundo os autores, um estudo de 2008, anualmente, um milhão de pessoas tem visitado a Casa de Anne Frank, em Amsterdam; 435 mil visitam anualmente Auschwitz-Birkenau, na Polônia; 7 milhões, Pear Harbour, no Havaí; 2 milhões e meio o Museu do Holocausto, em Washington; 3,6 milhões o *Ground Zero*, em Nova York; 400 mil, *Robben Island*, na Cidade do Cabo. Além de consumo turístico, o que mais estaria por detrás de tamanha mobilidade humana? Por que milhares de pessoas caminham até estes locais? Com certeza trata-se de alguma maneira deixa-se mover pelo local que é visitado e a memória que ele condensa. Os autores consideram que

todos estes locais de visitação estão também marcados pelo rito, pelo aspecto sagrado e, também, pelo religioso (ADAM, 2018, p. 69).

5- PEREGRANTE: O TURISTA RELIGIOSO DA ATUALIDADE

Podemos observar o perfil do adepto contemporâneo que se vale do turismo em todas suas manifesta es para lograr algum tipo de vantagem, seja ela no campo existencial ou de lazer. Discorrendo de aspectos antigos dos adeptos, traçamos aqui um breve resumo, por partes históricas, da personalidade dos antigos turistas religiosos para com os novos turistas religiosos. Delineando um panorama explicativo deste novo personagem da trama turística.

Alguns teóricos afirmam que o turista religioso não deixa de ser um peregrino, pois apenas utilizaria a mesma prática de séculos passados, de forma adaptada, para realizar a sua viagem dentro de um processo turístico, conforme o contexto socioecon mico.

Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 276 apud RINSCHÉDE 1992), explica que o vocábulo peregrinar adv m da raiz “peragri”, que quer dizer “através dos campos”, e que peregrino   aquela pessoa que viaja desprovida de motivos alheios, tal como interesse intelectual ou até mesmo interesse comercial. Sendo cada peregrina o composta por três elementos fundamentais (estruturantes): **Caminho**, o que o peregrino percorre; **Lugar**, local de destino, escolhido geralmente com base na rela o do indivíduo com o sagrado; **Encontro**, motiva o do peregrino, que busca e espera um encontro com uma entidade imaterial e mística.

Tendo em conta que “Turista”   a pessoa que pernoita fora da sua residência habitual por período inferior a um ano por uma razão principal que não seja o exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado,   importante analisar a dura o da estada dos turistas com motiva es religiosas (ANTUNES; BARROCO; DIAS 2016, p. 276 apud UNWTO, 2014).

Diante dessa abordagem, os estudiosos que classificam o turista religioso como peregrino, deveriam repensar essa condi o ou denomina o de peregrino, pois nem todo excursionista religioso, pode ser considerado ou classificado como tal, pois nem todos estão nas condi es de fiéis daquela cosmogonia que ali   vivenciada.

Sendo assim, a esfera turística cultural religiosa identifica-se por aquilo que está inserido num contexto devocional que denominamos de religiosidade: a maneira como a cultura religiosa é geograficamente vivenciada.

Esses turistas religiosos em sua grande maioria esperam deparar-se com experiências únicas de divindade, que são encontradas na região viajada. O resultado dessa experiência é mensurado na própria fala dos viajantes que dizem ter sua fé revigorada e enriquecida por meio desta viagem.

Os autores Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 276 apud RINSCHÉDE 1992), apresentam em sua obra que o excursionismo religioso é dividido em duas formas, baseando-se na permanência do turista: turismo religioso de curta estadia e turismo religioso de longa estadia.

O primeiro caracteriza-se pela viagem de curta distância e pela estadia limitada, o objetivo desse modelo de turismo é ir ao centro religioso a um nível local, regional ou nacional, ou participar de uma conferência, cerimônia ou até mesmo de um encontro de igrejas, por exemplo.

Já segundo, turismo de longa estadia, tem por sua vez a significação de que o turista ficará ao menos uma noite no local de visitação, onde envolverá o conhecimento aos centros religiosos por dias ou até mesmo semanas, nesse modelo de turismo a distância geográfica é bem maior.

Nas literaturas científicas, sobre essa temática, identifica-se que os estímulos dos turistas que viajam por motivações estritamente religiosas são visivelmente distintos dos de turistas culturais-religiosos.

Conforme aduz Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 276 apud GONZALO, 2006; SILVA, 2011), o que ocorre com os turistas religiosos é que qualquer circunstância que norteie a deliberação em participar de um trajeto religioso, esta frequentemente relacionada com a fé do peregrino, onde envolve crenças em dogmas, movido por uma fé inabalável, a busca de salvação.

Na verdade, uma visita a um local de culto religioso trata-se de uma experiência que só será bem percebida e bem vivida, se o indivíduo for capaz de interagir de forma direta com o local, com as pessoas, com o espaço e com a cultura do lugar visitado. Ao se sentir parte desse espaço e usufruí-lo, o turista torna-se mais sensível e vulnerável a filtrar o que ele julga aprazível ou não (ANTUNES; BARROCO; DIAS 2016, p. 276 apud CAMPOS, 2008).

A peregrinação é uma espécie de fenômeno, que é própria de cada cultura, isto é, cada região ou país tem sua composição histórica, cultural, econômica, política e religiosa que determina a intensidade, forma e o sentido do caminhar, em suas rotas de fé.

Essa diversidade de motivações, no entanto, acaba remetendo a uma mesma essência: as peregrinações constituem um fenômeno ligado à natureza do ser humano. (TEIXERA; ROMÃO, 2005, p. 3).

[...]

Ao longo dos tempos, as peregrinações refloresceram de modo diferente ainda que apresentando os mesmos elementos de suporte como os dogmas da religião católica e os valores bíblicos. Os romeiros passaram a compartilhar não apenas a fé como também a intenção de desfrutar de momentos de lazer em conjunto, onde era rompido o cotidiano de trabalho. Observava assim a descoberta de outras atividades desenvolvidas em função do Turismo Religioso (TEIXERA; ROMÃO, 2005, p. 3).

Percebemos que no turismo, como afirma, Teixeira e Romão (2005, p. 7), os locais visitados são considerados santuários. A motivação do romeiro vem da esperança do aumento da santidade pessoal, obtendo curas e bênçãos especiais. Para o turista religioso a motivação vem no desejo de fugir, nem que seja temporariamente, das pressões que a sociedade causa em cima do mesmo.

Como aduz Caneiro (2013, p. 154), o ato de peregrinar é composta fundamentalmente pelo caminhar, pela experiência que a mesma tem sobre o caminhante, o qual é versada como um procedimento pessoal de análise do eu, e suplantação das barreiras corpóreas, as quais são impostas em especial pela vida urbana e sedentária de grande parte da população que se dispõe a percorrer esses caminhos.

O autor sugere que devemos entender o corpo não apenas em sua dimensão biológica, mas igualmente religiosa, linguística, histórica, cognitiva, emocional e artística. Dentro desta perspectiva, a linguagem pode ser apresentada como uma expressão da corporeidade (*embodiment*) e a noção de cultura precisa ser redimensionada. Segundo o autor, não se trata apenas de definir esta última em termos de símbolos, esquemas, regras, costumes, textos ou comunicação, mas também em termos de sentido, movimento, intersubjetividade, hábito, desejo, evocação e intuição. (CARNEIRO, 2013, p. 154)

O ambiente social passa por uma preparação diferenciada para atender tanto ao peregrino, como ao turista. As peregrinações possuem um roteiro devocional e sua espacialidade comercial de bens simbólicos a qual abrange a demanda a cada momento. Já os demais turistas vão às áreas de comércio de bens tanto sagrados, quanto dos espaços profanos.

O interesse pela identidade, diz respeito à percepção dos atores de que, seu lugar no mundo, passa por investimentos simbólicos, pelos quais eles se afirmam e negociam com outros sua forma de inserção na sociedade (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 404 apud BURITY, 2002).

As terminologias peregrinação e romarias antecedem o excursionismo religioso atual, apresentam-se como sinônimos. Apesar disso, em sua origem, representavam significações e finalidade múltipla.

Peregrinações, como a Romaria da Terra, possibilitam, como uma autêntica *communitas*, a experiência de peregrinar, orar com os pés e, assim, redescobrir os lugares, símbolos, narrativas, mitos e tradições e dar-se conta de que somos parte deles. Elas possibilitam, acima de tudo, no limite, no liminóide, uma experiência consigo mesmo, de forma que aqueles que voltam já não são mais os mesmos que partiram. Fazer turismo, mesmo com toda a diferenciação existente, como uma experiência liminóide, também proporciona uma ruptura, mesmo que fragmentária, com a estrutura social e cultural na sua rigidez, obrigatoriedade, seus mecanicismos, controles, etc. Assim como nas Romarias da Terra, o turismo, de forma mais ou menos eficaz, proporciona uma experiência com um outro, com algo que os transcende, com um local-lá-fora, ao qual, de alguma maneira, pertencem, que seja, talvez a descoberta da condição de vagabundos em tempos e espaços pós-modernos (ADAM, 2018, p. 85).

Poderíamos compreender por peregrinos como aquele que desloca-se para localidades desconhecidas. Sendo assim, podemos compreender como uma viagem árdua, que em sua grande maioria é em busca do transcendente.

Tal atividade requer martírio, remorso, exposição da fé e manifestações concretas da condecoração da graça obtida. A prática da peregrinação, através de um ponto de vista externo, o qual envolve o enlace com o diferente, e sob um olhar interno, é a união com seu eu interior. O know-how histórico do peregrinar pode ser encontrado em diversas socioculturas humanas, o qual ultrapassa as fronteiras do universo ocidental, o qual é presente nos mais diversos e milenares fenômenos religiosos.

Contudo, foi através do cristianismo que as peregrinações passam a ter representação simbólica fartas de significados, peculiarmente dentro do cosmos

ocidental, principalmente após os impactos que os arranjos religiosos do séc. XVI fizeram.

Relacionadas às modificações acarretadas na segunda metade do séc. XX, de acordo com Maio (2003, p. 55) com o desenvolvimento das estradas e a veiculação, os translado há tempos e santuários, começando a ser encarado como excursionismo religioso. Essa atividade de caráter secular começa a exaurir o poder institucional das organizações eclesásticas, oportunizando que o mercado turístico adentra-se nesta função, nas excursões, limitando a atividade Pastoral da igreja dentro dos santuários. Através disso, as antigas romarias e peregrinações, transformam-se em turismo religioso.

A diferenciação a qual fundamenta romarias e peregrinações ou ludambulismo religioso, segundo Maio (2003, p. 55 apud STEIL 2003 p. 29) está num estágio de externalização e submersão que essas ações com suas particularidades podem proporcionar. As romarias e peregrinações qualificam-se por ser um mergulho no sagrado, já o turismo religioso pode ser designado pela expressão da forma de enxergar.

Podemos encontrar duas modalidades de visitantes, (MAIO 2003, p. 55 apud DIAS 2003 p. 17), o *peregrino raiz*¹⁸, o qual seu impulso é naturalmente e exclusivamente religioso e uma caminhada unifuncional, e outro é o viajante, que ao fazer o deslocamento amplia seu leque motivacional em sua jornada, ao caracterizá-la como multifacetada.

Considerando a realidade brasileira, Dias elaborou uma classificação de atributos de atrativos turísticos e religiosos, cuja base leva em conta a área de destino, o objetivo final e a motivação da viagem.

Classifica esses atributos em seis diferentes tipos:

1. Santuários de peregrinação: locais de valor espiritual, com datas devocionais especiais. Aparecida do Norte; **2. Espaços religiosos de grande significado histórico-cultural:** podem ser considerados atrações turístico-religiosas. Igrejas nas cidades históricas de Minas Gerais; **3. Encontros e celebrações de caráter religioso:** têm como objetivo atividades confessionais. Encontro de carismáticos da Igreja Católica; **4. Festas e Comemorações em dias específicos:** eventos dedicados a determinados símbolos de fé, calendários litúrgicos ou manifestações de devoção popular. Círio de Nazaré, Lavagem da Igreja do Bonfim; **5. Espetáculos artísticos de cunho religioso:** caracterizados por encenação de eventos religiosos. Encenação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém (PE); **6. Roteiros de Fé:** caminhadas de significado espiritual, pré-organizadas em um itinerário turístico-religioso. Rota Caminho da Fé, com 415

¹⁸ Autêntico ou legítimo;

km, entre Tambaú (SP) e Aparecida (SP); e o Caminho do Sol, com 209 km, entre Santana do Parnaíba e São Pedro (SP).

Precisamos analisar que tais classificações não englobam apenas o cunho espiritual e religioso desses viajantes, mas, além disso, o conhecimento artístico, cultural, histórico, natural e patrimonial, dessa forma reafirma a índole multifacetada desse turismo religioso.

Pode-se então entender que estes caminhos, em sua versão contemporânea e também brasileira, estão apontando para outro modelo de peregrinação que está associado fortemente ao fenômeno do turismo e a uma nova modalidade de espiritualidade, que muitos autores denominam de religiões do *self*. Segundo esse modelo, empreender uma jornada de longa distância, que envolve determinação, persistência, humildade e austeridade, é percebido menos em um sentido de sacrifício e mais como um processo de “descoberta de si mesmo” e de contato com o passado, presente na paisagem do caminho e nos símbolos que vão sendo acessados ao longo do percurso (CARNEIRO, 2013, p. 155).

[...]

A emergência desta modalidade de peregrinação que se constitui também como uma atração turística acaba por ressignificar as antigas peregrinações que, embora mantenham um formato tradicional, deixam-se pouco a pouco penetrar por valores e motivações mais próximas do que vem sendo chamado de movimento da Nova Era (AMARAL, 2000) ou nova consciência religiosa (SOARES, 1989). Trata-se de um modelo que enfatiza mais a própria caminhada, o próprio percurso, em contraposição ao lugar de chegada ou ao objeto de devoção, como seria o caso da peregrinação “tradicional” (CARNEIRO, 2013, p. 155).

O curso de indivíduos que se encaixam nesse segmento constantemente são palco de polêmicas, com intensão de compreender essas causas psicológicas e motivacionais que ocasionam os indivíduos a deslocarem-se a outras regiões, santuários e procissões. A conversação como nos mostra Aragão e Macedo (2011 p. 407 apud ARAGÃO; MACEDO, 2011) constitui-se ao decorrer em que na grande maioria das vezes, os ludambulistas¹⁹ desse segmento, não se utilizam de equipamentos e nem estrutura turística da localidade visitada ou algumas vezes não deixam recursos financeiros para a movimentação do fluxo econômico da região.

Aduz Abreu e Coriolano (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 408 apud 2003, p.78), que a locomoção aos seus arredores habituais é a exclusividade analógica, que une o peregrino ao turista propenso a cosmogonia que abraça. O excursionismo para o

¹⁹ Viajantes.

peregrino é o contentamento espiritual no encontro com o transcendente, sendo em grande parte um ato sacrificial, pois o mesmo se doa, do início ao fim, quando percorre o caminho das diversas formas. Para o viajante, é a busca do prazer interior mais do que a própria satisfação material.

O excursionista religioso harmoniza em sua viagem o aprazível com a crença, mais em sua maioria é o prazer do ato viajar, conhecer lugares, coisas, culturas e novas histórias, que o faz se locomover. Aragão e Macedo (2011, p. 408) confirmam que em sua grande maioria os turistas escolhem as romarias como passeio:

[...] formam hoje uma nova categoria de romeiros, que se dirigem ao santuário por motivações que devem ser remetidas mais a uma estrutura de significados próprios ao universo laico das viagens do século XIX do que ao universo místico das peregrinações (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 408 apud ARAGÃO e MACEDO, 2011, p. 255).

São nessas circunstâncias que se percebe que o romeiro é uma espécie de turista, devido a viagem provoca uma locomoção para fora de habitat natural, o obriga, por certa parte, a necessidade de utilização veicular (a não ser quando este percurso é feito caminhando). Mas, podemos observar que nem todo excursionista é peregrino, grande parte, as visitas a localidades sagradas estejam entrelaçadas ao a observação, conhecimento daquela cultura vivida por muitos, ou simplesmente por simples curiosidade.

Através desses eventos, os fiéis são capazes de externalizar sua devoção, expressando publicamente, ao renovar seus votos em préstimos ao hierático, tanto quanto, propõe a possibilidade de esvair-se de suas obrigações rotineiras, dessa forma propiciando instantes de êxtase, fruição e louvor. Sendo assim, as festividades de cunho religioso de aspecto devocional e cumprimento de promessa, habilita indivíduos solidários ao transcendental e promove seu deslocamento, intuídos pelas crenças no divino.

Esse fluxo propõe que a motivação está imbuída de uma “[...] inclinação crônica para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimento em determinadas situações” [...] (GEERTZ, 1989, p. 110).

Filiar-se a uma divindade colabora para a reafirmação de sua personalidade, a qual se baseia em atividades, conhecimentos e conversações que transformam o ser em direção daquele objeto crido. O excursionismo de características cultural-

religiosa não é a exclusiva maneira de incitar tais estímulos, por intermédio da locomoção, possibilita o escoamento de massas de encontro a ações meta-sensoriais e emotivas. O deslocamento a tais localidades que exala o sagrado, firma a fé como fator identificante de uma civilização inserida numa doutrina.

Emerge-se o questionamento citado por Silveira (2006, p. 35) “Afinal, é correto afirmar que todos os que vão a um templo, os que visitam um santuário estão fazendo ‘turismo religioso’? E o que o romeiro/peregrino faz, ao esfolar seus joelhos, ao pagar promessas, ao orar contrito no templo? Turismo religioso, ou romaria, peregrinação, fé?”. Fundamentos estes que se fazem interligados ao profundo, ao amago, ao seio, já no que se refere ao excursionismo, este conversa com o indivíduo enquanto manifestação mais aprazível, aspecto lúdico, postura *carpe diem*²⁰.

O ludambulismo alude à espetacularização, cujo excursionistas expõem-se a uma vinculação, não que compete perceber seu semelhante, porém de precisar uma descrição melhor de si, do que acontece de certo modo com seu pretérito. A religião pode ser entendida de certo modo também como manifestação espetacular, momento de entretenimento, prisma e aparência.

Embasados no incomum acontecido naquele local, episódio inicial formado por narrações diversas, milagres e profecias, imagens e estrutura arquitetônicas, indivíduos clamam por uma dádiva, uma resolução de seus problemas, um reavivamento espiritual, que abarque a fé, a vida e todas as suas instâncias, como nos apresenta Steil:

Encenada e reencenada como um espetáculo onde o inalcançável e o possível, o visível e o invisível se interpelam numa trama urdida pela narrativa ficcional dos relatos orais e dos fragmentos escritos, a romaria abre os canais da sensibilidade e permite que os seus atores entrem em contato com sua própria subjetividade. Percorrendo o espaço mapeado pelos sinais dos lugares, os romeiros organizam sua subjetividade, projetando luz e sentido sobre sua experiência existencial e seu convívio social. (ADAM, 2018, p. 68 apud STEIL, 1996, p. 23).

Excursionistas trilham, percorrem por espaços e tudo que nele se encontra; peregrinos, os espaços que tudo que lá se habita, caminham por eles, valeria referir-se a semelhança com que se aludiu sobre o vínculo dos agricultores com a terra: “terra como lugar ao qual se pertence (WESTHELLE)” (ADAM, 2018, p. 84).

²⁰ Aproveite o dia.

Além disso, de toda essa completude buscada o ludambulista, como aludido por Bauman, “não vive em volta de um mar de rosas”. Eles estão à procura de algo, algo que o preencha, reviver ou encontrar o sublime quiçá por um instante, e que esse instante reverbere como abertura transcendental de um mundo, não mais reduzido, mas expansivo: “Eles partem porque acham o lar maçante ou não suficientemente atrativo, demasiadamente familiar e contendo demasiadamente poucas surpresas, ou porque esperam encontrar em outro lugar uma aventura mais excitante e sensações mais intensas do que a rotina doméstica é capaz de transmitir” (BAUMAN, 1998, p. 116). Sendo assim, Adam (2018, p. 84) enxerga uma busca, um anseio desconcertante, um entusiasmo que serve de motor para o excursionista movimentar-se a encontro do desejado.

Bauman (1998) utiliza-se metaforicamente da figura peculiar do vagabundo para ilustrar junto ao turista quando fala das relações humanas na contemporaneidade. O posto ao excursionista que acredita em sua liberdade a explorar o mundo, o vagabundo sujeita-se ao mundo em sua abertura, incluindo-se nos mais diversos lugares, não mais como manifestação de liberdade encontrada na figura do turista, mas sim por necessidade existencial. Segundo:

Os vagabundos [diferente dos turistas] sabem que não ficarão por muito tempo, por mais intensamente que o desejem, uma vez que em lugar nenhum em que parem são bem-vindos: se os turistas se movem porque acham o mundo irresistivelmente *atrativo*, os vagabundos se movem porque acham o mundo insuportavelmente *inóspito*. (BAUMAN, 1998, p. 117.).

Os vagabundos são ludambulistas automáticos, como cita Bauman, como os sem-terra, os peregrinos, os emigrados, os asilados etc. Adam (2018, p. 85) Deleita-se ao refletir que esta circunstância representa medidas a qual procura, andarilhos, viajantes, andantes e turistas dos espaços e momentos fragmentados, a procura de valores existenciais para seguir.

Por que o indivíduo põe-se a movimentar, seja no excursionismo ou através da peregrinação? Bauman aduz,

[...] em nossa sociedade pós-moderna, estamos todos – de uma forma ou de outra, no corpo e no espírito, aqui e agora ou no futuro antecipado, de bom ou de mau grado – em movimento; nenhum de nós pode estar certo/a de que adquiriu o direito a algum lugar uma vez por todas, e ninguém acha que sua permanência num lugar, para sempre, é uma perspectiva provável. Onde

quer que nos aconteça parar estamos, pelo menos, parcialmente deslocados ou fora de lugar. (BAUMAN, 1998, p. 118).

A peregrinação e o turismo expressam a busca humana por um sentido maior, a experiência de um outro local ou uma vivência consigo mesmo, com um grupo de pessoas ou com o totalmente outro, o Transcendente, Deus, que auxiliam a viver e a voltar para o dia-a-dia contagiado por algo que rompe com a estrutura. Caminhar funciona como “retiro” e “escape” “das condições estruturais. Peregrinar proporciona um momento de verificação dos valores e axiomas essenciais da cultura, das instituições, das condições sociais e também da existência individual (ADAM, 2018, p. 85).

Ao falarmos deste indivíduo, peregrino/viajante, devemos nomenclatura-lo de forma mais prática e sucinta, e em seguida analisar suas características constituintes, seu papel no turismo da atualidade. Para melhor compreensão iremos alcunhá-lo genericamente como **Peregrante**, este termo refere-se às características peculiares de seu comportamento ou de suas intenções enquanto ao excursionismo religioso. A aplicabilidade desse termo tem como finalidade, des-problematizar a confusão gerada pelas várias formas de representá-lo, buscando através do conceito *Peregrante*, encorpar tanto aspectos aprazíveis do indivíduo na busca do turismo como meio de entretenimento, quanto na busca existencial da peregrinação como fator estruturante da sua vida religiosa.

Peregrante como nitidamente é possível observar, trata-se da união de duas palavras já existentes, peregrino, que grosso modo, é aquele no qual concerne a fé, o ato de procurar o sagrado em meio a sua caminhada (geralmente a pé), e visitante, aquele indivíduo, que mesmo ao participar do ludambulismo religioso, apresenta-se sem pretensão alguma de encontrar o sagrado que ali está sendo ofertado. Dessas contradições surge, esse modelo simples, unívoco, de características antagônicas, mas que em uma análise sucinta da atual conjuntura social, faz todo sentido, pois manifesta o caráter peculiar de nossa contemporaneidade. Fazendo parte de um novo grupo de excursionistas (religiosos/não religiosos), o Peregrante situa-se entre o sagrado e o profano, entre o prazer propiciado da aventura turística e o sentimento arrebatador de comunhão com o divino. Este novo integrante peculiar, se assim podemos chamar, apresenta-se como reflexo de uma sociedade secularizada que ressignifica aspectos que outrora pareciam imutáveis, sólidos, e reinventa novas maneiras de praticar o oficialmente institucionalizado ou o nômnicamente construído²¹.

²¹ Expressão referente ao termo nômnia alcunhado por Berger em seu livro O Dossel Sagrado (1985).

Trago o peregrante como termo genérico alusivo a uma conversação des-problematizada capaz de abarcar todas as instâncias do perfil encontrado nos integrantes do turismo religioso, sem gerar uma avalanche de confusões com as demais terminologias²². Não importa qual o nome que se aplique ao indivíduo que peregrine, viaje, caminhe, seja ele, turista, excursionista, romeiro, o que for, no final das contas por mais diferentes os caminhos, por mais superficial que seja a trilha que os levem, ou as realidades que percorram, o ponto de chegada é o mesmo, só existe um anseio a ser suprido, a necessidade de transcender, seja ela qual for, a fuga da realidade frustrante ou a reintegração ao paraíso perdido.

6- ALGUNS POLOS RELIGIOSOS

O turismo religioso vem passando por processos de melhoramento para se tornar economicamente viável (cunho social), através da PL²³ 3651/15, que incentiva ao Turismo Religioso de forma *lato sensu*, e não como ocorre hoje em *stricto sensu*, e com isso pressupõem-se que diminuiríamos parte da intolerância religiosa que temos em nosso país, através das políticas públicas de incentivo da culturalização na educação das crianças e jovens.

Algumas regiões vêm tendo um olhar aguçado e observador, referente a esses locais de Turismo Religioso, que tem um valor, tanto fenomenológico como cultural. Sendo de grande valia, podendo ser determinante para essas localidades com potencialidade Turística Religiosa, socioeconomicamente e culturalmente. Podendo trazer contribuições para toda a localidade ao redor.

Neste sentido, a fé católica é predominante no Brasil, possuindo um número significativo de localidades religiosas a qual atraem viajantes de todos os tipos que vai de romeiros a viajantes atraídos pela cultura que o espaço religioso possui.

Nos locais em que existem santuários ou manifestações religiosas, em sua grande maioria (falamos isso em território nacional) não há infraestrutura para receber visitantes, estrutura precária, e em sua grande maioria por falta de compreensão do seu potencial econômico, por seus governantes, ex: Cidade de Guarabira – PB²⁴.

²² Plural de terminologia.

²³ Projeto de Lei.

²⁴ Na qual a autora, fez pesquisa de campo em outubro de 2017.

As festas religiosas e peregrinações permanecem um forte fenômeno de coesão humana que se desenvolve nas religiões e no lazer, dessa maneira, assumem novos papéis e aspectos que contrariam suas antigas tradições.

As atividades religiosas ocorrem de maneiras diversas: peregrinações às localidades sagradas, festas religiosas que periodicamente são celebradas, representações teatrais, espetáculos de cunho religioso e congressos, seminários e encontros, ligados diretamente à evangelização.

De posse dessa realidade, a indústria do turismo intensificou o investimento nos centros de peregrinação através das ações diretas sobre a realidade local e do uso da mídia e do *marketing* para incentivar o fluxo de visitantes. A partir daí, algumas regiões começaram a investir em planejamento e obras para ampliar sua capacidade de recepção e proporcionar alternativas de lazer aos turistas fazendo com que os visitantes permaneçam mais tempo nos locais de visitação. (TEIXERA; ROMÃO, 2005 p. 4)

Conseguimos observar através das palavras de Teixeira e Romão (2005, p. 4) que o ludambulismo religioso vem se destacando (economicamente falando) desde 2005, conseguimos observar que ele se destaca, graças aos peregrinos que são consumidores assíduos de serviços e bens, em um fluxo ininterrupto. Dessa forma, essas peregrinações tornam-se uma fonte geradora de renda, provedora de consumidores potenciais e com atrativo turístico em si.

Embora as características comerciais não eliminem os elementos religiosos, mesmo que a atividade peregrina decorra da fé, as práticas paralelas aos fenômenos religiosos, ganhando nova dimensão, como uma premissa para atrair novos visitantes. Grandes potenciais de prazer e diversão, tornando-se mais um atrativo no circuito da fé, para distrair o visitante, prolongando sua permanência e estimulando o consumo.

Em meados do século XIX, Teixeira e Romão (2005, p. 4), nos mostra como a Igreja Católica teve o poder de movimentar grande parte dessas movimentações religiosas, a partir de quando ela começa a buscar a integralização dos centros peregrínicos²⁵ como parte de uma organização institucional que impõe sobre eles um maior controle e tendência na uniformização dos cultos.

No Brasil grande parte dos centros de peregrinações surgem no início da conquista portuguesa, em especial entre os séculos XVII e XVIII (SILVEIRA, 2007),

²⁵ Locais de peregrinação, visitação.

mas podemos localizar outros atuais. Deste modo, as movimentações dirigem-se para locais de devoção ou adoração e santuários.

Em mais de cinco séculos desde que se iniciou a colonização do país, os objetivos das festas processionais foram modificados ou ressignificados como uma cultura viva e dinâmica.

De acordo com Amaral (2000), Maluf (2001) e Montes (1998) as celebrações religiosas de caráter popular, de devoção e culto público, fazem parte da vida dos brasileiros, sendo plausível falar em uma “cultura da festa” no país. As mesmas são momentos ápicos que servem para lembrar acontecimentos bíblicos ou da hagiografia dos santos, renovando os sentimentos de fé em favor do catolicismo. No tocante aos festejos no Brasil, se percebe uma multifuncionalidade e polissemia inerente de um fenômeno que se presta à assimilação de várias culturas, costumes e etnias calcadas no mito das três raças que povoam o país. (Aragão; Macedo, 2011, p. 402 apud AMARAL, 2000; MALUF, 2001; MONTES, 1998)

[...]

Sobre o estudo da festa, alguns pesquisadores⁵ defendem que, quer sejam de caráter sagrado ou profano, as mesmas correspondem a um tempo-espaço especial. Na concepção de Ferreira (2009, p. 17), a comemoração religiosa “é um momento de celebração da vida, que rompe o ritmo monótono do cotidiano, e permite a vivência de afetos e emoções”. Ainda segundo a autora, as festas de caráter religioso “também perpetuam as tradições e constituem um verdadeiro patrimônio cultural” (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 402).

Neste sentido, podemos perceber que os elementos que fundamentam os festejos religiosos, estão inseridos nas categorias patrimoniais daquela região.

Faz parte dos acontecimentos festivos da Igreja o patrimônio cultural, humano, sonoro e religioso que têm significação própria, porém se inter-relacionam para a concretização da festa. Haja vista que, na dimensão ampliada do que significa patrimônio:

[...] “tudo que representa a impressão seja no nível material, ou simbólico, representa uma interferência humana que, portanto é cultura, que por sua vez, é Patrimônio Cultural” (ARAGÃO; MACEDO, 2011 p. 402 apud MARTINS, 2003, p. 71).

A herança cultural dos festejos perpassa pelo conjunto dos bens de produção material e imaterial, ligada às pessoas que dão sentido à festa. O ato de festejar remete ao patrimônio vivo, dinâmico, atualizado e passível de mudança.

Para Aragão e Macedo (2011, p. 403), os festejos sagrados dão instrumentalização para que consigamos identificar em tais eventos as vivências religiosas que estão incorporadas a cultura, que possibilita muitas vezes, a restauração da cultura daquela identidade.

O Brasil, por ser de predominância católica, ao decorrer do ano, as festividades cristãs são uma parcela da vivência diária dos moradores daquela localidade. Sendo assim, podemos observar que nosso país possui datas fixadas para comemorações da doutrina dos cristãos, conforme como nos mostra Santos e Nunes:

As festas constituem um dos principais momentos do catolicismo popular. É difícil imaginar o cotidiano de uma pequena cidade brasileira sem as agitações das novenas, santas missões, acompanhamentos e procissões. Essas são algumas expressões de religiosidade que acabam por se tornar um grande instrumento para se compreender a sociedade na qual estão inseridas (SANTOS; NUNES, 2005, p. 98).

Ainda condizem com os pensamentos de Aragão e Macedo (2011, p. 403) que além de celebrar momentos especiais, as festas de caráter religioso também são essenciais para expressão cultural:

Revelam a essência fundante do respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural (JURKEVIKS, 2005, p. 1).

O Ministério do Turismo tem procurado incentivar a segmentação turística como forma de auxiliar o setor objetivando o planejamento, a gestão e o mercado, através da PL 3.651/15. Dessa forma, faz com que esse turismo se torne plural, e não só mais voltado como podemos observar, nos dias atuais, para a o cristianismo.

7- VANTAGENS SOCIOECONÔMICAS DO TURISMO RELIGIOSO

O turismo vem se demonstrando uma atividade com um ótimo desempenho econômico, sua eficácia vem sendo um motor para desenvolver as regiões em que é realizado o trabalho turístico.

Tendo ela a capacidade de alavancar o comércio local e adjacente, na criação de atividades com fins lucrativos, e contribuir como grande aliado na preservação dos patrimônios, tanto material e imaterial daquela localidade.

Deste modo, o setor do turismo em geral, e em particular as novas formas de fazer e pensar o turismo, a partir das quais se aproveitam os recursos culturais e naturais de maneira a contribuir para o desenvolvimento do território, destacando-se neste caso o turismo religioso, têm sido nos últimos anos, alvo da atenção de diversos agentes económicos, políticos e científicos (ANTUNES; BARROCO; DIAS 2016, P. 275, apud SILVA, 2012; PRAZERES, 2014).

Assim afirma Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 275 apud GONZALO, 2006; SILVA, 2011), que tiveram a sensibilidade de perceber como o turismo religioso vive um momento de ascensão, visto que cada vez mais o turista está à procura de produtos originais, que unem em uma perfeita harmonia a experiência espiritual com a cultural.

Um relevante quantitativo de patrimônios, visitados por turistas, são de natureza religiosa, isso nos demonstra que não só pessoas que possuam alguma cosmogonia visitam tais locais, mas indivíduos interessados no valor cultural e arquitetônico, veja:

O turismo é cada vez mais entendido como uma atividade econômica exercendo influência em diversos setores: religioso, político, cultural, ecológico e rural. Essa atividade, em comparação com outras, necessita de menores investimentos, já que existe a possibilidade de aproveitar os recursos existentes nas próprias localidades como forma de investimento turístico (TEIXERA; ROMÃO, 2005, p. 2)

Hoje a maior e mais visível relação entre religião e turismo consiste em uma grande diversidade de edificações sagradas, de interesse ao turista que visita uma determinada localidade, dessa forma o setor turístico (de tal local) geralmente a cada momento que passa começa a investir e trabalhar em cima da rentabilidade que esses turistas, podem trazer para beneficiar a região.

Teixeira e Romão (2005, p. 3) nos mostram que as localidades de romaria e peregrinação, proporcionaram o surgimento de diversas atividades de natureza não religiosa, contribuindo não só no complemento, mas sim para o desenvolvimento da economia local.

Alguns exemplos que podemos mencionar foram os aparecimentos de hotéis, hospedarias, pousadas, motéis, portos, povoados, cidades, mercados informais, restaurante, transporte, comercio de artesanato, bares, além de aquecer o setor comercial gerando novas vagas de emprego, segurança pública, saúde e turismo.

Podemos perceber que alguns fatores são diretamente afetados pelo fluxo turístico, e algumas causas são comércio, setor alimentício, lazer e hospedagem, implicando assim na reconfiguração do espaço, necessitando de uma reorganização econômica e um planejamento infraestrutura receptivo.

Independente da motivação necessitará de uma envoltura abrangente entre os responsáveis pelo local sagrado, poder local e agentes econômicos, para que as localidades religiosas possam afirmar-se, em seu conjunto, como estruturas qualificadas para promoverem a prosperidade econômica daquela localidade, Antunes, Barroco e Dias (2016, p. 276 apud SILVA, 2012), nos aponta isso.

Segundo as estimativas da OMT, entre 300 e 330 milhões de turistas visitam os principais locais religiosos a cada ano, tornando o turismo religioso uma parte significativa do turismo nacional e internacional (ANTUNES; BARROCO; DIAS 2016, p. 275 apud OMT²⁶, 2014).

No ano de 2017, foi anunciada a criação do “Brasil Mais turismo”, que seria um pacote de ações e medidas, promovido pelo Ministério do Turismo, para expandir e fortalecer o setor dentro do país em apoio com a Organização Mundial do Turismo (OMT), para uma expansão internacional.

"Essas ações são resultado de muito diálogo para entender as necessidades do setor. Precisamos criar condições para que os empresários invistam no país. O Brasil + Turismo vem para corrigir uma miopia histórica e fazer com que o turismo seja visto como protagonista na geração de emprego e renda. Chegou a hora e a vez do turismo", disse Marx Beltrão – Ministro do Turismo (MINISTERIO DO TURISMO, 2017).

Com isso percebemos que o turismo de forma geral, vai receber investimentos, dessa forma sabemos que isso vai chegar a respingar um pouco no turismo religioso. Desde 2015, a PL 3.651/15 dispõe de incentivos ao Excursionismo Religioso, diretrizes e garantias para o fortalecimento dessa modalidade turística. Juntamente vetando qualquer tipo de turismo discriminatório com outras religiões. Dessa forma ele ajuda a disseminação de uma produtividade socioeconômica.

O turismo religioso produz uma cadeia produtiva, além de usufruir todas as atividades econômicas dos lugares visitados, envolve o conjunto de fornecedores e projetos finais que arrecadam com o consumo dos turistas e com as atividades tipicamente voltadas para o turista, como a venda de

²⁶ Organização Mundial do Turismo

passagens, as estadas em hotéis, pousadas, dentre outros serviços. O consumo envolve uma realidade mais ampla da comunidade receptora. Nessas cidades santuários, há presença constante do comércio anexada à atividade religiosa, onde se vendem os artigos de interesse dos peregrinos, restaurantes, farmácias e artigos religiosos, além dos estacionamentos e alojamentos (TEIXERA; ROMÃO, 2005, p. 8).

Vem crescendo o fluxo de viajantes culturais, de melhor poder aquisitivo, pois os mesmos aliam o interesse de conhecer as localidades com outros atrativos de ordem de lazer, cultura, e sobre tudo, consumo.

Dessa forma, podemos desenvolver nessas localidades um externo e interno comércio intenso de vendas de diversificados produtos que vão de produtos regionais a importados. Por isso, Teixeira e Romão (2005, p. 8) nos mostram que religião e comércio formam um pacto anônimo, tornando-se dependentes uma da outra, e este se torna um dos principais mecanismos de acumulação de renda local.

Como exemplo, no fim do século XIX, a vinda dos padres redentoristas da Baviera para o Brasil teve por objetivo administrar o Santuário de Aparecida, assim como impulsionar o movimento romeiro, seguindo as orientações pastorais engajadas na romanização e europeização do catolicismo brasileiro (WERNET, 2000).

Aos poucos, as peregrinações espontâneas, marcadas por uma caminhada difícil e por uma religiosidade tradicional ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, cederam lugar às romarias organizadas que a projetaram em âmbito nacional. Transformada em um núcleo irradiador do catolicismo romanizado, sob a tutela da hierarquia eclesiástica, Aparecida do Norte foi elevada à categoria de Santuário Episcopal, em 1893, e nacional em 1931.

As romarias passaram a ser expressão de um projeto mais complexo do que o ato de se locomover a um local sagrado, pois representam uma política religiosa de moralizar e racionalização dos costumes e das devoções do catolicismo tradicional. Por isso afirma Wernet:

A peregrinação continuou sendo predominantemente religiosa, mesmo que houvesse certo esvaziamento do simbolismo: começava a estar ausente a dificuldade e o esforço da caminhada... a peregrinação como esforço penoso, sofrimento, cansaço e calor cedeu lugar a uma viagem de caráter religioso e de testemunho da fé ao Santuário. (WERNET, 2000, p.87)

Em meio ao séc. XXI, estes eventos mostram-se elementares para subsistência humana, pois mobiliza uma grande massa contingencial de indivíduos ao

promover instantes singulares e de interatividade, crenças compatíveis, identidade, caridade e sentimento de continuidade. O incursionismo de caráter religioso encontra-se interligado sem desvios a estes aspectos manifestados no meio social.

Aragão e Macedo (2011, p. 403) Como autores sociais movendo-se e em casos não muito comuns, os movimentos religiosos trazem para si a responsabilidade de promover um conjunto ideário no campo cultural e político social, formulando deste modo, dois problemas divergentes: com o globalismo surgem tendências a favor da reprimenda ao caráter individual, e nessa contrapartida, aparecem ideias contrárias ao primeiro problema; as civilizações, a procura incessante de suas contradições.

“O sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa. Está sendo constantemente transformada pela cultura”. Com a multiplicação dos processos de significação e de representação cultural, o indivíduo se confronta com um número antes imaginável de identidades, com as quais ele identifica-se, ao menos temporariamente (ARAGÃO E MACEDO, 2011, p. 403 apud HALL, 2003)

Como apontam dados expostos pelo jornal GLOBO, em 2016, as tradições cristãs movimentaram um fluxo contingencial de capital financeiro com dimensões exorbitantes. A média em relação ao conglomerado de pessoas a participar dos atos turísticos chegam às casas dos 18 milhões, já os números em termos econômicos aproximam-se dos R\$12 bilhões ao ano, movimentando a fé e a economia em todas as regiões nacionais, aquecendo assim o ímpeto religioso, tal quão o Produto Interno Bruto – PIB brasileiro. Apresentando assim, o segmento como via mercadológica fértil que precisa ser melhor explorada.

Félix (2017, p. 1539) comenta que é uma área de atuação mal explorada, que pela falta de profissionalismo vem prejudicando a organização e expansão dos destinos e localidades escolhidos para visitação. Félix, tem como proposta uma reorganização.

A proposta é organizar e profissionalizar o turismo religioso no estado. Começando pela obrigatoriedade de só guia de turismo, estarem aptos a fazer os traslados com esses turistas (fiéis e não fiéis). Dessa forma dificultando que as informações sejam passadas equivocadamente, não prejudicando a cultura existente naquele local e sim auxiliando na preservação, permanecendo viva, intacta e forte não só na memória dos moradores que ali habitam, mas dos turistas que ali transladam. Essas peregrinações modernas surgem com vigor reformado e com novos mediares – encaixando nesse contexto, lazer, religião, turismo e consumo, dialogando e se mesclam (FÉLIX, 2017 p. 1540).

Poderíamos relacionar o turismo como ato peregrino? Indubitavelmente sim, partindo dos pressupostos em comum entre ambas as expressões. Companhias de viagens montam pacotes turísticos e de caráter peregrinante na tentativa de oferecer aos seus clientes a promessa do êxtase transcendental, a fuga do monótono, o paraíso aprazível do lazer, a sociabilidade flagrante das novas vivências etc. Parte destas propriedades compreendem ao espaço do divino. Vale notar no meio turístico o aparecimento de espaços propícios ao “peregrino” protestante: localidades marcadas pela história de seus líderes, espaços marcados pelo martírio de seus defensores, cidades importantes na reforma, ambientes onde ícones foram enterrados, etc. Elaborando uma posição ao questionamento acima supracitado, características da forma peculiar de “protestantismo peregrino”, é fundamental afirmar que no que concerne os protestantes, a eles cabem o turismo, não o peregrinar. (ADAM, 2018, p. 82).

Não reduzido a recreação, experiência, diversão, pode-se englobar o amago existencial, na procura ontológica de conhecer a si, seu papel, sua volta, apontado por Yázigi, em seu analítico estudo acerca da originalidade do turismo atual:

[...] os turistas não são idiotas submissos aos agentes comerciais que inventam produções: eles desejam crer que tudo o que vivem seja orientado por valores estéticos e humanos e não uma troca econômica, porque têm necessidade de imaginar suas vidas; de fabricar suas próprias imagens. Isso conferiria um sentido. (YÁZIGI, 2009, p. 21).

Tão como o peregrinar, o excursionismo apresenta-se em concordância com a conhecida conceptualização que Turner aplica ao nome de liminóide, isso se dá pelo caráter fragmentário do qual se apresenta. Deste modo o turismo de aspecto consumista, via oposta ao de cunho memorial, como residências de personalidades marcantes, ambientes de carga histórico-cultural, representados por museus, albergues etc., reflita o fragmentalismo latente, e se expressa além de uma comparação peregrina. Partindo daqui levanta-se o questionamento, se o ludambulismo de consumo comporta consigo algum aspecto liminal, como observado anteriormente (Adam, 2018, p. 82).

Este consumismo reflete seu juízo nos escritos que Bauman nos oferece sobre os excursionistas²⁷. Em “o mal-estar da pós-modernidade”, alude-se sobre a liquidificação do instante e do ambiente na contemporaneidade, eventos quais a atribuição identitária é negligenciada, utilizando-se metaforicamente de exemplos como turista e vagabundo, o autor exercita uma explicação da condição humana imergida na pós-modernidade.

Os turistas que valem o que comem são os mestres supremos da arte de misturar os sólidos e desprender o fixo. Antes e acima de tudo, eles realizam a façanha de não pertencer ao lugar que podem estar visitando: é deles o milagre de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo [...] É como se cada um deles estivesse trancado numa bolha de osmose firmemente controlada. (BAUMAN, 1998, p.114).

Mesmo que o aludido por Bauman, não reflita propriamente dito a peregrinação e a liminaridade em sua faceta, nos é mostrada uma explícita diferença da busca peregrina para a turística. “A peculiaridade da vida turística é estar em movimento, não chegar. Ao contrário daqueles seus antecessores, os peregrinos, as sucessivas escalas dos turistas não são estações pelo caminho, uma vez que não há nenhum objetivo que lhes acene, no fim das viagens da vida, que pudesse convertê-los em estações.” (BAUMAN, 1998, p. 114.).

Em um mundo globalizado, marcado pela cultura consumista, os lugares em geral, também os lugares de peregrinação e os lugares de turismo, perdem seu conteúdo, sua memória, sua potencialidade de sentido e sua identidade. Pessoas passam pelos lugares, mas os lugares já não passam por elas. Com isso, o caminhar, em grande medida, perde também sua função liminar. Mesmo assim, a experiência de romper com o cotidiano, com o trabalho estressante, com o trânsito caótico, com a feiura dos lugares comuns e desordenados das nossas cidades e com tantos outros sintomas da falta de espaço e de lugar, é o que as peregrinações, o turismo ou até mesmo as simples caminhadas dominicais no parque mais ou menos proporcionam uma experiência de rompimento, um respiro, um sentido, algo de transcendência (ADAM, 2018, p. 85).

A ideia central dessa proposta não é a perda do conteúdo frente ao consumo, mas que através deste consumo redimensionalizado, consigamos a redução da intolerância religiosa, harmonização da experiência espiritual e cultural, desempenho econômico e local, preservação patrimonial (material e imaterial) e ambiental, ascensão turística e a valorização do Cientista Religioso, dessa forma enaltecendo

²⁷ Pessoas que participa de excursão científica, ou recreativa.

toda a cultura que há por trás desse turismo religioso, conseguindo a reeducação dessas características.

7.1- POLOS RELIGIOSOS NA PARAÍBA E SUAS VANTAGENS SOCIOECONOMICAS

A Paraíba – PB é um estado rico na esfera turista religiosa, porém mal explorado, na atualidade percebemos uma maior procura por destinos bem conhecido da população, mas também por novos destinos, que possuem muita fé, mas não podemos esquecer que o que move os turistas não é só fé, mas todo o conjunto que engloba o local visitado.

O Estado da Paraíba hoje possui distintos polos religiosos, os quais podem ser considerados *lato sensu*, que são destinos de cunho cristão católico, que atualmente são os que recebem mais visitas, e que tem o um grande potencial para práticas de ludambulismo religioso, alguns são o Santuário de Frei Damião (que hoje é um dos que mais recebe turistas o ano inteiro), em Guarabira, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Araruna, a Cruz da Menina, em Patos, o Cristo Redentor, em Itaporanga, Santuário de Santa Fé, em Solânea, a Igreja de Nossa Senhora da Guia, em Lucena, o Cruzeiro de Roma, em Bananeiras, Pedra de Santo Antônio, em Fagundes, e os Caminhos de Padre Ibiapina, mas também possuímos destinos de outras cosmogonias, pouco explorados, como a Jurema Sagrada, em Alhandra, Festa de Iemanjá, João Pessoa, entre outros, com suas peculiaridades que temos em nosso Estado. Mas graças à falta de organização são pouco visitados.

Sendo altamente perceptível a falta organização de quem trabalha com o turismo religioso no estado da Paraíba - PB, essa falta de organização parte não só dos municípios (que possuem alguma rota turística religiosa), mas também do estado, por não possuir mão de obra especializada (FÉLIX, 2017 p. 1539).

Temos esses destinos, e alguns deles, não são desenvolvidos. Infelizmente os governantes dessas localidades não sabem ou não vêm suas potencialidades socioeconômicas e ambientais.

Mesmo cada cidade cuidando de seus monumentos e zelando por essas áreas de preservação, ainda existe uma falta de coletividade, prejudicando o conjunto dessas rotas turísticas no estado (FÉLIX, 2017 p. 1539).

8- QUE VANTAGENS SE OBTERIA COM A PROFISSIONALIZAÇÃO DESSE SEGMENTO?

Quando paramos e analisarmos cuidadosamente o fenômeno que é o turismo religioso em âmbito nacional, percebemos a importância da elaboração de planos e sua implementação para o desenvolvimento desses destinos de cunho religioso.

Ressalta-se a relevância dos planejamentos prioritários para ordenação das atividades turísticas, concebendo benefícios para seus devotos e viajantes e auxiliando no desenvolvimento sustentável, tanto em aspecto econômico como sociocultural e ambiental, tanto quanto a qualidade de vida de sua comunidade.

Os planos de desenvolvimento do turismo estão em andamento, com destaque para região Nordeste do Brasil. Tudo isso para tentar atrair turistas de outros países, gerando divisas. Descobrir novas políticas sociais, econômicas e ambientais, que levem em conta as comunidades, o aumento das riquezas da terra para todos e a conservação das reservas [...] priorizar as alternativas de desenvolvimento econômico que evitem impactos ambientais, econômicos, sociais e culturais [...]. Encontrar mecanismos para que as comunidades receptoras de turismo conscientes da importância desta atividade, da importância de seus valores culturais e conhecedoras das especificidades dos recursos naturais e culturais locais, passem a encontrar no turismo oportunidade de geração de renda para o próprio local, produzindo assim o desenvolvimento local. Com isso, o processo contínuo de Planejamento Sustentável da atividade turística vem sendo desenvolvido, obtendo êxitos e alcançando espaços no mercado. Ressalta-se a importância dos programas prioritários para a ordenação da atividade turística, gerando benefícios para devotos e turistas e garantindo o desenvolvimento local, tanto no aspecto econômico, como ambiental e sociocultural, melhorando a qualidade de vida da comunidade local (TEIXERA; ROMÃO, 2005, p. 7 apud CORIOLANO, 2003 apud RIBEIRO; FERREIRA, 2003, p. 302).

Podemos considerar que o sistema econômico turístico é uma forma organizacional de toda estrutura turística, composta por agentes econômicos, que englobam os tipos de propriedades, o processo de circulação das mercadorias e da renda, a gestão de recursos, consumo e seus níveis de desenvolvimento das tecnologias empregadas e a divisão do trabalho, ao enfatizar o valor do turismo.

O turismo religioso se apresenta como um dos segmentos que mais crescem atualmente no Brasil; segundo dados da Embratur, 15 milhões de brasileiros se dirigem anualmente a destinos religiosos. No entanto, seu conceito é alvo de discussão entre os estudiosos das ciências sociais, e isso se deve ao enfoque dado ora ao significado do termo *turismo* ora ao sentido da palavra *religioso* (MAIO, 2003, p. 54)

A EMBRATUR (2015) fez um levantamento sobre dados expressivos em relação ao segmento religioso, que vão de acordo com informações do Departamento de Estudos e Pesquisas do Ministério do Turismo, que cerca de 17,7 milhões de brasileiros viajaram pelo país levados pela fé, lembrando que todos esses indivíduos que se deslocaram em viagens domésticas para outras localidades, *stricto sensu* não se classificam como fieis, mas sim, viajantes culturais; **peregrantes**, que só se deslocaram para conhecer tal localidade e sua cultura.

Através desses dados é perceptível que mesmo sendo de 2015, tal modalidade de turismo movimenta boa parte do país, pelos mais diversos fins.

Buscando fugir das questões polêmicas e complexas advindas das discussões conceituais, o fenômeno turismo religioso pode contribuir para a valorização e a preservação das práticas espirituais, enquanto manifestações culturais e de fé as quais identificam determinados grupos humanos, assim como oferecer condições para um desenvolvimento positivo na economia, na cultura e na qualidade de vida da população local (MAIO, 2003, p. 54)

Economicamente falando, essa modalidade poderia contribuir para o melhoramento socioeconômico de famílias que morem nas localidades, movimentando todo um comércio que ali seria criado, trazendo trabalho a quem não tem, podendo tirar da faixa de miserabilidade famílias que não tenham um sustento definido.

Motivadas em render graças através dos rituais de pagamento de promessa, pedido de graça, participação em procissão, os indivíduos em trânsito fazem com que, estas comemorações, sejam ao longo do ano, promotoras do fluxo de pessoas nas cinco regiões do país.

Ano após ano, o que era em sua origem expressão local para propagar a força régia e religiosa portuguesa, tornou-se parte da cultura brasileira. Além de celebrar momentos especiais, os festejos religiosos mantêm viva a tradição das comemorações dentro dos espaços das cidades coloniais, possibilitando assim, que os acontecimentos festivos, tornem-se um verdadeiro patrimônio cultural.

A centenária manifestação sacra no espaço histórico da cidade acaba por se transformar em um patrimônio religioso, visto que neste local está à fusão de [...] “crenças e formas de vida cotidiana que fazem referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos que formam a sociedade brasileira” (BOMFIM, 2009, p. 129).

Aragão e MACEDO (2011, p. 403) As celebrações de cunho sagrado dão instrumentação de identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando muitas vezes, a recuperação da própria identidade (MARTINS; LEITE, 2006).

De acordo com Andrade, depois do turismo de férias e de negócios, o segmento que mais está se desenvolvendo é o turismo religioso, visto que:

Além dos aspectos místicos e dogmáticos - as religiões assumem o papel de agentes culturais pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades. (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 405 apud Andrade, 2002, p. 79).

Dessa maneira, Aragão e Macedo (2011, p. 405) listam três manifestações de cunho religioso, os quais o excursionismo utiliza-se: os que estão relacionados ao patrimônio arquitetônico como templos, igrejas, entre outros; os rituais onde inserem-se os festejos da semana santa; e os eventos com suas festas e festivais musicais religiosos. Os autores destacam que vem crescendo gradativamente a quantidade de fieis das religiões que passam conforto, paz interior, conhecimento de si, reconhecimento do outro e preenchimento espiritual.

No Brasil, as cidades-santuário que são referências do catolicismo pelo número de peregrinos são Juazeiro do Norte, no Ceará, terra do Padre Cícero; Nova Trento em Santa Catarina, onde se encontra o Santuário de Madre Paulina; Belém do Pará, na festa do Círio de Nazaré; e, a mais conhecida, Aparecida do Norte, no estado de São Paulo, possuidora do Santuário da Padroeira do Brasil Nossa Senhora Aparecida (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 406 apud BRASIL, 2000).

É importante que ressaltemos lugares que possuímos no nosso Nordeste como João Pessoa na Paraíba, com a procissão de Nossa Senhora da Penha e a Festa de Iemanjá, Bom Jesus Lapa na Bahia, com a festa e santuário dedicado à Bom Jesus da Lapa, Caicó no Rio Grande do Norte, com a procissão a Nossa Senhora Sant’Ana, São Cristóvão em Sergipe, com festa ao Nosso Senhor dos Passos.

Não podemos deixar de mencionar que, pelo território nacional, sejam em médios e pequenos povoados ou grandes cidades, é perceptível a devoção aos beatos, padroeiros, santos das cidades, com suas capelinhas e procissões, as quais atraem a população rural e urbana para o culto.

Essas atividades envolvem uma movimentação constante de pessoas, que deslocam-se de seu local de origem a um novo destino qualquer. O deslocamento e permanência dessas pessoas longe de seu local de moradia provocam enormes alterações ambientais, culturais, econômicas, políticas e sociais, apresentando aspectos tanto positivos, quanto negativos, principalmente se for de forma desorganizada. (FÉLIX, 2017 p. 1539).

9- GUIA INTÉRPRETE: AS VANTAGENS DA ESPECIALIZAÇÃO

O profissional guia tem como função a orientação e condução dos grupos que solicitam seus préstimos, que estão viajando, seja em excursões, viagens internacionais ou qualquer outro tipo de deslocamento.

O Ministério do Turismo (2016) aponta que ele é um dos elos mais importantes na cadeia produtiva do turismo. Cabendo a ele o enriquecimento da experiência da viagem turística, ao atuar como anfitrião, para o sucesso indispensável das relações que o turista mantém tanto com as pessoas quanto com o local que se é visitado.

Ele auxilia na comunicação, na transmissão de informações e conhecimentos, na criação de um ambiente propício ao sucesso da visita ao destino turístico e, fundamentalmente, na provisão de segurança ao viajante”, destaca a Coordenadora-Geral de Cadastramento e Fiscalização no Turismo, do Ministério do Turismo, Tamara Galvão (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).

DENTRO DA LEI - É fundamental que o guia de turismo ofereça informações qualificadas sobre aspectos históricos, geográficos, culturais, além das curiosidades das vivências do lugar. Ele deve apresentar os melhores destinos e os melhores momentos para visitação, por meio das rotas mais seguras e mais ágeis para os turistas. Por isso é fundamental o visitante escolher bem quem será o guia da viagem (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).

O Ministério do Turismo (2016) explana que O instrutor de turismo é a única profissão do setor que é regulamentada por Lei. O guia intérprete²⁸ como profissional, atua dentro dos parâmetros da legalidade.

A legislação em vigor qualifica o guia de turismo como profissional cadastrado no Ministério do Turismo, cujas funções são as de acompanhar e orientar pessoas ou grupos de turistas ou viajantes, assim como transmitir-lhes informações, durante visitas, viagens ou deslocamentos no país ou no exterior. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016).

Na atualidade o Brasil vive uma nova etapa em termos atrativos para visitantes, se tornando de supra necessidade de que o **peregrante** guarneça sua viagem de elementos enriquecedores através da coordenação de um guia interprete.

É por meio do seu trabalho que o destino se completa e agrega valor aos passeios que vai muito além das belezas naturais. As histórias, os personagens e curiosidades são temperos desses profissionais que tem como função transformar um roteiro turístico em uma experiência única ao visitante (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014).

O guia tem como ocupação aspectos que vão além do auxílio nas viagens, desenvolvedor de práticas atrativas, que vão da criatividade aos processos de comunicabilidade, carregando consigo toda uma bagagem histórica das localidades onde presta serviço.

O fator imprescindível na admissão²⁹ do guia é sua qualificação que conta como ponto diferencial na aproximação do excursionista ao seu ofício.

O guia de turismo é qualificado por curso de formação específica e a profissão é regulamentada pela Lei 8.623/93, que em seu art. 2º determina: “é considerado Guia de Turismo o profissional devidamente cadastrado no Ministério do Turismo – MTur, que exerça atividades de acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializada. É a única profissão regulamentada por lei no setor de turismo. Há cerca de ano, a portaria 27/2014, do Ministério do Turismo, definiu a carga horária do curso de formação, os tipos de trabalho e como podem atuar os guias de turismo. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014)

[...]

²⁸ Guia turístico.

²⁹ Contratação.

Segundo a Federação Nacional de Guias de Turismo (Fenagtur), cerca 70% dos profissionais que atuam na área são empreendedores individuais. É possível encontrá-los nos Centros de Atendimento ao Turista (CATs), localizados nos principais pontos turísticos dos destinos, ou então, contratá-los por meio das agências de viagem. O Ministério do Turismo tem 11.921 guias registrados no Cadastur, sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas obrigatório para algumas modalidades de serviços turístico, conforme a Lei Geral do Turismo nº 11771/2008 (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2014).

É perceptível na atualidade que o profissional especializado a trabalhar com esses **peregrantes** indubitavelmente é o guia turístico. Não que a proposta aqui apresentada seja subtrai-los de suas ocupações, porém claro, um plano educacional com finalidade a especialização do turismo religioso e todos os componentes que englobem essa área. De tal maneira, realça-se na figura do guia a importância neste processo de disseminação.

Através da formação de componentes curriculares profissionalizantes ou incluir cadeiras no curso de guia intérprete, expondo uma abordagem fenomenológica do imaginário cultural religioso daquela expressão crida – religião – cria-se as bases fundamentais para o exercício do trabalho.

Desta maneira, nos valeríamos de profissionais preparados para o exercer de seu papel, onde conseguiriam suprir corretamente as lacunas com sua bagagem informática e assim proporcionar os viajantes experiência de completude. Esta preparação refletiria se numa absorção melhor das propriedades culturais refletidas no contentamento do **peregrante**, que projetaria a sensação de bem-estar em seus sonhos.

É sabido que a formulação do turismo religioso não advém estritamente de devotos, formulado de certa parte por curiosos que encontram nos eventos uma forma de lazer, a má qualificação dos guias responsáveis, o déficit na responsabilidade organizacional, a falta de investimento, ou melhor, de visão de capilaridade rentável à comunidade por parte dos setores público/privado, fazem pesar a predileção do turista na escolha do espaço a peregrinar.

Alguns turistas vêm com a consciência de que aquele local não é só um local de fé, mais também um ambiente com uma cultura, história e vivência de um povo, que necessita de um cuidado, financiamento, zelo, atenção e preservação daquela cultura imaterial (FÉLIX, 2017 p. 1538).

[...]

O guia de turismo será capacitado com um curso, sobre o turismo religioso do estado da Paraíba - PB. Conhecendo dessa forma a cultura religiosa, povo e geografia daquele local de peregrinação, esses profissionais em suas carteiras/crachás de guia, eles ganhariam um selo comprovando que ele está apto para tal trajeto. Sendo obrigatório ser guia de turismo cadastrado no CADASTUR, sistema de cadastro de profissionais que atuam no setor de turístico, se tornando mais rígida a fiscalização de tais prestações de serviços, ficando de responsabilidade do responsável pelo local da peregrinação, checar a documentação que comprove que aquele “guia de turismo”, é quem afirma ser. Para que eles possam fazer turismo religioso dentro do estado que residem, eles terão que se cadastrar na Empresa Paraibana de Turismo – PBTur, órgão estadual que cuida do turismo paraibano. E aos que vão entrar no mercado de trabalho que ao mesmo tempo, para o nosso estado é um pouco vasto, é escasso. Segundo, João Wharles Portela (diretor de marketing da PBTur), anualmente se formam 100 alunos nos cursos técnicos profissionalizantes na área de guia de turismo, mas só menos de 40% seguem a profissão (FÉLIX, 2017 p. 1540).

9.1- DE QUE FORMA O CIENTISTA DAS RELIGIÕES PODE CONTRIBUIR PARA O TURISMO RELIGIOSO?

Se “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”, “[...] ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam” (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 404 apud LARAIA, 2001, p. 46).

Em um planeta globalizado, a distinção entre instituições, conglomerado de indivíduos e indivíduos cada vez entrelaçam mais e mais a cultura. O fazer cultura é uma soma de ações práticas:

[...] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 103).

Aragão e Macedo (2011, p. 404) Destarte, tudo que refere se à cultura, englobando práticas litúrgicas, perpassa através de um prisma de obrigatoriedade que envolve esse debate: para onde vai, de onde são, do que são e as coisas da pós-modernidade.

A versatilidade que envolve o sacro promovendo o florescer dos sentidos inclusos em uma mesma manifestação doutrinaria. Modificando a doutrina, em parte

funcional da cultura, entre a conversação possibilitadora de grupos em uma ação interativa de indivíduos de diversas regiões. Pelas abordagens que antes foram trazidas à análise, Maio (2006) destaca que:

É possível identificar a magnitude do turismo religioso no mundo.
[...]

Para a grande maioria das pessoas que peregrinam a pontos devocionais, o deslocamento constitui-se como um fenômeno cultural (Maio 2006, p. 303).

O contato do indivíduo com transcendente é parte consubstancial da vida social, concordante com o êxodo hierático³⁰. A procura por localidades que carregam consigo aspectos simbólicos, emblemáticos, sagrados, correspondente a cada manifestação religiosa, que se apresenta como ação peregrina característica:

Ao elegerem uma imagem e em torno dela organizarem um acontecimento capaz de modificar o tempo e o espaço, essa devoção é a mais clara representação de hierofania (ARAGÃO; MACEDO, 2011, p. 405 apud SARAIVA; SILVA, 2003, p. 48).

As festividades em âmbito nacional que correspondem aos anseios religiosos, como citado por Aragão e Macedo (2011, p. 405), tem influência atrativa até os dias atuais, onde mobilizam massas expressivas das diversas regiões do país.

De acordo com Abreu e Coriolano (2003, p. 79), “as festas religiosas estão entre as mais fortes expressões da cultura brasileira, sendo significativa a quantidade e a diversidade de celebrações que acontecem, tornando-se locus do turismo religioso” (ARAGÃO E MACEDO, 2011, p. 405).

Enquanto área em desenvolvimento o turismo vem influenciando análises nas Ciências da Comunicação, Humanas e Sociais. Encontrando nesta investigação o modelo da demanda, aspectos motivadores, pelos arcabouços documentais e etnográficos.

Atravessando em uma perspectiva antropológica, como algo inculto³¹ a culturalidade social diversa, e pela base sociológica como fato social manifestado é perceptível a conversação das classes sociais diferenciadas.

A ação turística se encontra em meio aos debates das Ciências Sociais Aplicadas como Administração, Direito, Economia (poder aquisitivo), e Geociências

³⁰ Sagrado.

³¹ Algo sem cultivo.

(Geografia), no tocante das classificações espaciais; locomoção e território. O caráter multidisciplinar encontrado no turismo vem enfrentando constantes observações à luz da segmentação excursionista.

De acordo com estudos realizados no país Brasil (2010, p. 19), o excursionismo religioso é um desdobramento do turismo cultural, dado que se deslocar a templos e santuários que sejam importantes para qualquer doutrina, além das características dogmatizantes, apresentam-se como forma de gnose cultural. No que concerne o catolicismo, as visitas às localidades tidas como sagradas, apresenta-se como possibilidade do eu (interno) reencontrar-se novamente, com a similitude sociocultural.

Todavia, o ludambulismo³² religioso encontra-se em ascensão. No território nacional, essa manifestação de turismo estrutura-se ao decorrer de uma particularidade da nossa nação, sua categorização como maior país católico do mundo abre caminho para o progresso desta prática.

Especificamente através da conversação com cientistas das religiões e turismólogos, podemos perceber a propagação do excursionismo religioso, na via mercantil como padrão de retorno financeiro atrativo, só mal explorado e gerido por falta de pessoas qualificadas. Manifestando-se como prática de caráter misto, ao entrecruzar consumo, religião e turismo.

Uma tendência do mercado em crescimento a qual acalora a economia nacional em uma instabilidade momentânea que ela vem sofrendo, nos últimos tempos. Aguçando a curiosidade da autora para análise desta tendência por suas potencialidades tanto quanto sua significação imaterial e material em meio às regiões que vivenciam esse excursionismo.

Não esquecendo o turismo religioso como parte integrante do mercado, e que esse hibridismo possui suas contradições, a realidade se reconfigura. Atendo-nos a este segmento, cabe-nos lembrar que sua abrangência não se limita a templos e igreja, porém a espaços que possam servir para o deslocamento de devotos em procissão. Invariavelmente das características religiosas específicas destas localidades.

³² Sinônimo para Turismo.

O desenvolvimento de práticas religiosas é um importante fator na determinação de locais com potencial turístico, influenciando no turismo religioso. Nesse sentido, o Brasil, onde a fé católica é predominante, possui um número bastante significativo de locais religiosos que atraem viajantes de todo tipo: peregrinos, romeiros, pessoas atraídas pela cultura do espaço religioso etc. Na maioria das localidades, onde existem santuários ou ocorre manifestações religiosas, possui uma infraestrutura precária muitas vezes devido a pouca compreensão do potencial econômico. Que com uma adequação e profissionalização associada desses serviços, podemos qualificar tais atividades a serem oferecidas, garantindo retorno certo. Pois não podemos esquecer que o turismo religioso também é lazer (FÉLIX, 2017 p. 1541).

[...]

Percebemos que com a elaboração e implantação desses planos para desenvolver esse turismo com novas ideias e destinos, conseguiremos a evolução desse segmento, e com uma predominância desse setor, algumas cidades podem fazer dessa atividade seu principal instrumento de arrecadação de recursos econômicos. Ressaltando a valorização dos projetos prioritários para ordenação das atividades turísticas, criando benefícios para profissionais das áreas afins, devotos e turistas, assegurando o desenvolvimento sustentável, não só da comunidade que ali vive, mas também no aspecto ambiental, sociocultural e econômico, colaborando com o desenvolvimento dos municípios e estado (FÉLIX, 2017 p. 1542).

10- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como norte, a pesquisa se enveredou do turismo em suas roupagens tradicionais as contemporâneas, encontrando em seu estudo personagens conhecidos e marcantes da historicidade, como o peregrino, romeiro, visitante etc., até a persona marcante de nossa atualidade o **peregrante**, personagem turístico da atualidade que abarca os perfis completos da nova maneira de se fazer turismo religioso.

É através dos aspectos do transcendente (manifestado no texto), por exemplo, que o expressado ganhará respaldo, no qual é só o início desta pesquisa, com apontamentos válidos, e com críticas construtivas. Do transcendente partimos, e dele consigo extrair o fundamental para se entender que o turismo nas suas mais diversas facetas têm apenas como finalidade última o transportasse, a procura pelo instante não monótono, pelo momento sublime, pelo sentimento cíclico transcendental do bem estar ímpar proporcionado, ora pelo prazer do entretenimento apreciativo da

visitação despreziosa, ora pelo êxtase inebriante do contato com as instâncias do sagrado.

É através dessa busca consciente ou inconsciente da substancialidade, que esta análise aponta a importância do turismo religioso como mecanismo de realização existencial.

Dos laços que conectam o indivíduo a busca insaciável do realizar-se, que emerge as repostas irrefutáveis deste crescimento vertiginoso e contínuo do setor religioso do turismo, o ser humano aglutina-se por finalidades em comum, mesmo que partam de pressupostos contraditórios. Desta receita perfeita de demanda (necessidade do encontrar-se) mais oferta (Local propício ao transcender) não poderia surgir outra coisa a não ser ganhos. Ganho existencial, cultural, intelectual, econômico, aliás, este tipo de ganho, o econômico, é o que abruptamente vem se destacando, pois não retorna a quem procura transcendente, mais sim, a terceiros que ofertam as condições necessárias para que os **peregrantes** mantenham-se fiéis a sua "missão", o bem-estar, o reencontro consigo.

Destes ganhos aqui supracitados, remeto-me aos aspectos específicos do excursionismo religioso paraibano, as características dos seus guias intérpretes, os aportes estruturais dos seus polos de visitas, o profissionalismo deste segmento no Estado, angariaria um aumento socioeconômico de geração de emprego, dinheiro girando dentro do estado da macro para microeconomia. Poderíamos aludir aqui a um polo da fé, para encontramos nas potencialidades desse componente que é o turismo religioso os subsídios necessários para o desenvolvimento de ambos, tanto no turismo quanto da cidade.

Deste humano transcendentor atuante que movimenta setores econômicos, artísticos ambientais e religiosos, dos polos de visitas aos quais ao vilarejo, município, cidade, metrópole estão inseridos, surge à atuação de outro componente importantíssimo na manutenção da busca e realização deste **peregrante**, a gestão pública, ela que é a mais interessada a ficar com os "dividendos" deste empreendimento da espiritualidade. Ela, quanto atuante e se atuante, estrutura e profissionaliza o atrativo religioso do turismo na busca rentável, normatizando a especificação para poder assim atribuir status mercadológico aos caminhos da fé, ora

porque subentendesse o **peregrante** como consumidor, ora porque através do ganho pode proporcionalizar o bem-estar comum e assegurar o direito ao lazer, tanto do mesmo, como da população que ali reside. Juntando o útil ao agradável o poder público logra assim como os comerciantes autônomos sua fatia do bolo, por intermédio da realização existencial deste turista. O **peregrante**, no ato de visita aos polos turísticos, além de procurar sua transcendência, ele provoca mudanças na estrutura econômica social interna, através de investimentos feitos pelo sujeito.

Conseqüentemente, poderíamos ressaltar, aludir ou até sugerir que o nosso governo do estado, incentivasse a criação dos Caminhos da Fé da Paraíba – CIRCUITO TURISTICO RELIGIOSO DA PARAÍBA, na busca do reavivamento, da tradição do estado (que hoje encontra-se com sua cultura perdida e desvalorizada), que vai das culturas hieráticas à cultura popular, chegando as vantagens socioeconômicas que essa movimentação pode trazer a nossa região, com o aumento da demanda e fluxo de turistas, ocasionando um certo “populismo” e trazendo curiosos a conhecer as belezas do estado.

Dessa forma, conseguiríamos diminuir o preconceito com algumas doutrinas que o nosso estado possui, juntamente com a valorização do Ensino Religioso, através do crescimento desse turismo. Disciplina essa, que já vem sendo trabalhada nas escolas da rede pública municipal e estadual pelos Cientistas das Religiões, conseqüentemente a valorização desses profissionais ocorrerá, lembrando que nosso país é mais que pluralista, religiosamente falando.

Nisso tudo podemos encontrar uma grande margem já que na Paraíba a religiosidade do povo é um dos espelhos no país, além de seus aspectos próprios com a Jurema, que é uma religião puramente paraibana. Dessa maneira, valeríamos-nos de vários polos na busca dessa complementação e dessa relação individuo transcendente.

A proposta sugerida é uma análise etnográfica, histórica, antropológica, sociológica e econômica, com a gestão pública inserida ao meio de forma suave, sendo de suma importância sua participação, para dar respaldos para futuros investidores tanto financeiros, quanto de mão de obra qualificada, e o devido status de profissionalismo ao incursionismo religioso, atraindo turistas locais e estrangeiros.

Mas, não devemos esquecer que a gestão pública, só deve envolver-se nesta parte, deixando a administração para uma secretaria especializada nesse segmento, que deve ser criada, na qual possua em seu esqueleto, 20% do órgão público, 30% de pessoas habilitadas e credenciadas por seus concelhos (que vai do marketing a história), 10% de pesquisadores da área (para dar o respaldo e continuar a pesquisa) e os 40% divididos entre de líderes religiosos e microempresários das cidades que possuam essa linha turística a ser trabalhada, dessa forma a administração desse turismo será melhor aproveitada e distribuída.

E com a especialização/profissionalização do Guia de turismo seria possível tal ato.

Dessa forma, aumentamos não só mercado de trabalho do guia de turismo, abrindo um leque para uma área que só cresce ano após ano e movimenta mais de 10 bilhões de reais anualmente, segundo o Ministério do Turismo (MTur), e evidência a importância desse setor para a economia e a importância de uma organização e profissionalização adequada. Com isso, conseguimos expandir o mercado de trabalho para o Cientista da Religião/ões, que é pequeno e um pouco escasso (e vem sofrendo com a retirada do ensino religioso da grade curricular comum), sendo assim, o Cientista da Religião/ões seria obrigado a conhecer os locais de turismo religioso de seu estado através de pesquisa etnográfica para conhecer a cultura, religiosidade e geografia do local. Isso é possível graças à religiosidade do povo brasileiro, que é considerado o país mais religioso do mundo. Alavancando a economia do estado ou município que ocorrerá a visitação, podendo aumentar em 70% sua economia. Um exemplo é a Basílica Nacional de Aparecida, maior santuário mariano do mundo, modelo de como o turismo transforma a economia de um destino. São 12 milhões de visitas por ano. Atualmente, o turismo movimenta 80% da economia local e de municípios vizinhos como Cachoeira Paulista e Guaratinguetá (MTur). Em 2013, o MTur por meio de edital, contemplou cinco cidades Brasileiras com um investimento de R\$ 601 mil, fracionado para fortalecer seu turismo religioso (FÉLIX, 2017 p. 1540).

Sendo assim, com o formar e implementar dos métodos necessários para um incursionismo com estes novos aspectos, alcançaríamos o progresso desta área, e uma prevalência do segmento, diversas cidades se caracterizariam como polos a serviço do seu desenvolvimento cultural, religioso e econômico. Sublinhado atividades no campo turístico; proporcionando prerrogativas aos profissionais da área, visitantes e adeptos; esboçando projetos na organização de eventos, se valendo do sustentável desenvolvimento, não no que se refere aquele agrupamento de pessoas que lá se

instalam, mas em escalas maiores, que vai da ambiental à econômica, ajudando prosperamente o crescimento das cidades e do estado, juntamente com a conscientização social.

11- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, Júlio César. **Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares**. Dossiê: Santuários e Turismo Religioso, Belo Horizonte, v. 16, n. 49, p. 66-87, jan./abr. 2018.

ANTUNES, Joaquim; BARROCO, Cristina; DIAS, Hermínio. **A IMPORTÂNCIA DO TURISMO RELIGIOSO NO DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES: O CASO DO SANTUÁRIO DA NOSSA SENHORA DA LAPA**. International Journal of Scientific Management and Tourism, Vol.2, n. 1, p. 273-285. 2016.

ARAGÃO, I.; MACEDO, J. R. Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.399-414, dez. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BERGER, P. L. **O dossel Sagrado**: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo, p. 15-37, 1985.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: Orientações Básicas. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – 3.ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo - SP. Editora Pensamento LTDA, ed. 10. 1997.

CARNEIRO, Sandra de Sá. **MERCADO TURISTICO DA FÉ**. ARGUMENTOS. Revista de Departamento de Ciências das Sociais da Unimontes. 2013

ELIADE, Micea. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. São Paulo – SP. Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GEERZT, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

JALUSKA, Taciane Terezinha. **TURISMO RELIGIOSO EM ESPAÇOS SAGRADOS: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL RELIGIOSA**. Anais do V Congresso da ANPTECRE - “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”, v. 5. Paraná, 2015.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: a materialidade da fé. In: **Histórias: questões & debates**. Curitiba: UFPR, n. 43, 2005. p. 1-6.

MAIO, Carlos Alberto. **TURISMO RELIGIOSO E DESENVOLVIMENTO LOCAL**. Publ. Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes, **12** (1) 53-58, jun. 2004

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **TURISMO RELIGIOSO**: Uma breve apresentação. *Jornal Olince*, ed. 14. Fev. 2008.

FÉLIX, Pollyanna de Moura. **Turismo e Ciências da Religião: em busca da qualificação do turismo Religioso na Paraíba**. Anais do XXX do Congresso Internacional da Soter – “Religiões em Reforma – 500 anos depois”, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus; NUNES , Verônica Maria Meneses. Na Trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/SE. In: **Revista da Fapese de Pesquisa e Extensão**. Aracaju, v. 2, jul/dez. 2005. p. 97-110.

RINSCHÉDE, G. (1992). **Forms of Religious Tourism**. *Annals of Tourism Research* vol.19, 51-67.

SILVA, Eliete Furtado Cecílio e. **DIMENSÃO DA VIDA: TURISMO RELIGIOSO NA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2013**. X FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU. Foz do Iguaçu – Paraná, 2016.

SILVA, Anielma Flávia Santos; ALEXANDRE, Lillian Maria de M. **O USO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS PARA A PRÁTICA DO TURISMO RELIGIOSO EM DIVINA PASTORA/SE.** Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, v. 1, p. 51-68, Sergipe, abril de 2016.

SILVA, Luiz Custódio da. **Os Festejos Juninos e a reinvenção das Identidades Culturais no contexto paraibano.**

STEIL, Carlos Alberto. 1998. **Peregrinação e turismo: o Natal Luz em Gramado e Canela.** REUNIÃO DAANPOCS, 22. Caxambu.

SILVEIRA, Emerson J. S. **Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global.** Turismo em Análise, v.18, n.1, p. 33-51, maio 2007.

TEIXEIRA, Maria do Socorro Gondim; ROMÃO JR, Manoel Cícero. **TURISMO RELIGIOSO: Uma alternativa econômica para municípios do Seridó – RN,** 2005.

YÁZIGI, Eduardo. To be or not to be: sobre o autêntico e o falsificado nas construções do turismo. **Cultur – Revista de Cultura e Turismo**, ano 03, n. 03, p. 1 36, junho/2009.

EA. **Liminaridade e Communitas** – Victor Turner. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>>. Acesso 15 de abri. 2018.

GLOBO. **A FÉ QUE MOVE AS CIDADES.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/a-fe-que-move-as-cidades-19537161>>. Acesso 15 de abri. 2018.

JORNAL DA PARAÍBA. PARAÍBA TEM NOVE DESTINOS PARA TURISMO RELIGIOSO, MAS FLUXO AINDA É BAIXO. Disponível em: <<http://www.jornaldaparai>

ba.com.br/economia/noticia/43298_paraiba-tem-nove-destinos-para-turismo-religioso--mas-fluxo-ainda-e-baixo>. Acesso em: 20 de abri. 2017.

MINISTÉRIO DO TURISMO. GOVERNO FEDERAL ANUNCIA O BRASIL + TURISMO, PACOTE DE MEDIDAS PARA DESENVOLVER O SETOR NO PAÍS. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7691-gover%20no-federal-anuncia-o-brasil-turismo,-pacote-de-medidas-para-desenvolver-o-setor-no-pa%C3%20ADs.html>>. Acesso em: 20 de abri. 2018.

MINISTERIO DO TURISMO. TURISMO RELIGIOSO EM PAUTA NA EMBRATUR. Disponível em:<http://www.embratur.gov.br/piembraturnew/opencms/salaImprensa/noticias/arquivos/Turismo_religioso_em_pauta_na_Emratur.html>. Acesso em: 20 de abri. 2017.

MINISTÉRIO DO TURISMO. A IMPORTÂNCIA DO GUIA DE TURISMO COMO PARCEIRO PARA O VIAJANTE. Disponível em:<<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/6084-a-import%C3%A2ncia-do-guia-de-turismo-como-parceiro-do-viajante.html>>. Acesso 18 de abri. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. GUIA DE TURISMO ENRIQUECE A VIAGEM DO TURISTA. Disponível em:<<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/3267-guia-de-turismo-enriquece-a-viagem-do-turista.html>>. Acesso 18 de abri. 2018.